

DJ Memê

Marcello Mansur:
nosso top House DJ

Editorial

Estamos de novo com vocês, a quem orgulhosamente chamamos de **OHM Leitores!**

Passamos por 2018, turbulento, mas muito importante para nossa equipe que continua crescendo, se fortalecendo, pois queremos e planejamos trazer ainda, muito mais edições de nossa revista para vocês.

Ainda estamos nos organizando melhor. Acreditem, não é fácil!

Reformulamos algumas coisas, adiamos algumas partes do projeto inicial, mas continuamos firmes no propósito de fazer uma revista de música com muita qualidade.

Uma das alterações que fizemos foi reorganizar as datas de lançamentos.

Agora publicaremos a **OHM Music Magazine** nos meses de janeiro, maio e setembro.

Conforme anunciamos antes, teremos a **OHM** na versão em inglês, já para essa terceira edição. Porém, as versões em inglês serão lançadas nos meses de fevereiro, junho e outubro. Um mês a mais para trabalharmos melhor.

E já vamos adiantar um spoiler sobre o que estamos preparando para a quarta edição da revista: uma edição especial "**OHM**

Mulheres", todinha dedicada à música delas.

Também aumentamos um pouquinho o nosso número de páginas, para trazer mais conteúdo para vocês e também teremos duas edições especiais durante o ano. Serão edições com assuntos, eventos ou projetos específicos, relevantes para divulgação da música. Isso por que estamos conseguindo ampliar nossa rede de colaboradores, fazendo boas parcerias mundo afora, nos informando mais e conseguindo trazer a música das mais distintas formas, estilos e manifestações.

Analisando essa terceira edição, vocês verão que conseguimos reunir em uma mesma edição, as referências nacionais mais importantes da **House Music**, do **Techno** e do **Brazilian Bass**. Também temos

Jazz, **Blues**, **Black Metal** e **Nordestinatrônica**. E para completar, **Rock na Escola**, **Cultura DJ** no Rádio e **Fotografia de Rua**.

Ficamos felizes com o conteúdo que preparamos. Esperamos também que gostem!

E gostaríamos de agradecer novamente, pelos comentários carregados de boa vibe que continuam a chegar e também aos muitos, muitos downloads que vocês continuam fazendo.

Com isso conseguimos excelente resposta da mídia e inúmeros contatos de artistas, músicos, DJs, produtores e agências do Brasil e de outros países, propondo matérias e participações em nossas páginas.

É toda essa movimentação que também nos move!

Então, vamos lá? Leiam a **OHM** número 03! Foi feita para vocês que amam a música como a gente. E que a nossa festa continue e não acabe nunca!

Gostaríamos de sua participação. Nos enviem seus comentários, propostas, críticas e elogios! Email: adm.ohmmusicmagazine@gmail.com

Leo Olivera

MÚSICA
é o nosso
mundo

PROGRAMA
ELEKTRONICA
<https://goo.gl/zkcYZC>

SOUNDCLOUD
<https://goo.gl/xQmZbo>



LEO OLIVERA
É Jazzmaniaco, pesquisador, editor e designer da revista OHM. É DJ e apresenta o programa Elektronica na Rádio UFMG Educativa FM104.5. Suas pesquisas transitam pelas influências exercidas pelo Jazz e pela música eletrônica em nossos tempos.

Em seus sets toca Nujazz, Acidhopjazz, Afrohouse, Funky House, Nordestinatrônica e Lounge Music.

Se apresenta em eventos como Fela Day, Beat OldSchool (SP), Virada Cultural (BH), Festival de Arte Negra (FAN-BH), entre outros. A OHM Music Magazine é um sonho antigo!



OHM 03

music magazine

ANO 02 - NÚMERO 03 - VERÃO 2019

EXPEDIENTE

EDITORIAL

Leonardo Oliveira

Editor

Ricardo S. Gonçalves

Editor Executivo

Leonardo Oliveira + Maria Luiza Viana

Projeto Gráfico, Diagramação e Ilustração

Ricardo SG + Eduardo Oliveira

Fotografia

Anthony Alberto

Artur Viana Corradi Oliveira (Traduções)

Eduardo Oliveira (Transcrições)

Jamie Blonde

Leo Mille

Luis Henrique Oliveira

Roger Deff

Conteúdo

Cláudia Goes (Rio de Janeiro)

Sérgio Rohmanelli (Santa Catarina)

Nilton Pereira (Pernambuco)

Colaboradores

Stephaine Meaow (Universität Bayreuth)

Johann Oliveira

Correspondentes Alemanha, Europa

Mauro Brito

Correspondente Mozambique, África

Tradição Planalto Editora

contato@tradiocaoplanalto.com.br - <http://www.tradiocaoplanalto.com.br/>



Rua Lindolfo de Azevedo, 192, sobreloja

Nova Suíça - BH - CEP 30421-265 - MG

Telefone: (31) 3226-2829



COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:

ALEXANDRE DA MATA
ANDREY
ANTHONY ALBERTO
ARTUR CORRADI
BARBARA MACHADO
BRUNO BRANDÃO
BRUNO FARIAS
CAROL MACHADO
CILENE MOTTA
CÍNTIA MOTTA
CLÁUDIA GÓES
CLÉVER DE OLIVEIRA JUNIOR
DANIEL GUIMARÃES
DENEWSIN
DIEGO JARSHELL
EDUARDO MAIA
EDUARDO OLIVEIRA
GALEN WESTON
GUILHERME AMINTAS
GUILHERME TAVARES
H. N. VILELA
JOHN PATRÍCIO
LEO OLIVERA
LEO MILLE
LEONARDO MIRANDA
LUIS BOZITO
MARCELO MANSUR
MARIA LUIZA VIANA
MATHEUS SÁ MOTTA
MAURÍCIO BISCHAIN
PAOLA BRUNA DE OLIVEIRA SILVA
PEDRO HENRIQUE FONSECA PINTO
RICARDO SG
ROBERTO MOURA
RODRIGO BARATA



FOTO CAPA
ACERVO
DJ MEMÊ

06

ENTREVISTA
DJ MAU MAU
Anthony Alberto

14

PLAYLIST
DJ ANTHONY ALBERTO
Leo Olivera

16

MATÉRIA DE CAPA
MARCELO MANSUR: DJ MEMÊ
Leo Olivera

24

GARAGEM
POD GIZ
Eduardo Maia e Eduardo Oliveira

28

PROJETOS
JUNTO E MIXADO
Clever de Oliveira Júnior

34

JAZZ
GALEN WESTON
Leo Olivera

40

WOKS
ALEXANDRE DA MATA & THE BLACK DOGS
H. N. Vilela

46

FOTOGRAFIA
MATHEUS SÁ MOTTA
Leo Olivera

54

ELECTRONICA
TEQUILA BOMB STYLE
Bruno Brandão - Alagoas

60

DESIGN
A METÁFORA DO LOBO
Pedro Henrique Fonseca Pinto

64

DJS
CLUBBERS
Luís Bozito

68

PESQUISA
DJ RODRIGO BARATA E COLETIVO CRIOLINA
Cláudia Góes

72

CLUBES
CLUB IN - BELO HORIZONTE
Andrey



FACEBOOK

<https://goo.gl/ksiukd>



CANAL OHM YOUTUBE

<http://tiny.cc/ec3a2y>

OHM::ENTREVISTA

ANTHONY ALBERTO

DJ Mau Mau

Maurício Bischain : só a paixão pela profissão explica esse mestre DJ

O ano era 1998, há pouco mais de 20 anos. Em Belo Horizonte, no antigo frigorífico da Perdígão, aconteceu uma festa que nunca mais saiu da minha mente. Foi a **Ace Body Noise**. Foi nessa hyper que tive a oportunidade de ver de perto e ouvir, pela primeira vez, **DJ Mau Mau**. Desde então me tornei fã! Acompanhando a carreira dele, estou sempre presente em quase todas suas apresentações aqui na capital do queijo, Belo Horizonte. E é com orgulho que falo desse grande DJ e amigo, dono de uma impecável coleção de discos e de uma técnica impar de mixagem. Sem contar o seu feeling e carisma com a pista, que aumenta cada vez mais o número de fãs, por todos os lugares por onde passa. Ao longo do tempo comecei a tocar profissionalmente e tive o privilégio de tocar em alguns eventos junto com o **Mau Mau**. É um exemplo de DJ pra mim, pessoa por quem tenho grande admiração (além de ser uma excelente referência sonora e musical). Desejo que continue trilhando esse caminho de sucesso, sempre com ótimas conquistas e muita musicalidade.

Mau Mau é uma pessoa com um talento incomparável!

Anthony Alberto

DJ Anthony - Belo Horizonte

O contato com a música está no sangue. Filho de DJ, despertou interesse pela mixagem bem cedo. Seu tempo é dedicado à pesquisa e treinamento diário, focado sempre na **House Music**. Sua dedicação e seus sets o levaram a tocar em várias casas e gigs do Brasil dividindo a cabine com vários nomes importantes da cena eletrônica. **Anthony** faz parte da equipe de produção da **OHM Music Magazine**.

SOUNDCLOUD
<http://tiny.cc/nw891y>



CANAL OHM YOUTUBE - PLAYLIST 01
<http://tiny.cc/h1v31y>



CANAL OHM YOUTUBE - PLAYLIST 02
<http://tiny.cc/p3891y>



FOTO: DIVULGAÇÃO

OHM:

A pergunta é clássica, mas extremamente relevante. Nos interessa muito saber como foi que tudo começou. Onde você estava, como e qual música mudou a sua vida?

MAU:

Eu sempre tive uma influência muito grande com a música através da dança. Desde criança eu fiz alguns cursos e participei de alguns grupos de **streetdance**, de dança contemporânea e de **break**. Dessa forma a música sempre esteve presente na minha vida. Em 1985, um amigo me levou para conhecer o **Madame Satã**, um club underground de São Paulo. Na época, tocava lá músicas bem diferentes. Era o começo do **EBM** ⁽¹⁾ (**Electronic Body Music**), **rock alternativo** britânico e nacional, **punk music**, etc. Então, o **Madame Satã**, foi uma porta que se abriu e me mostrou o mundo underground com músicas que até então eu não conhecia.

Fiquei admirado com o lugar, gostei muito de tudo que presenciei no clube e passei a admirar os DJs residentes da época: o **Marquinhos MS** (em memória) e o **DJ Magal**. Comecei a prestar muita atenção no trabalho deles e foi aí que comecei a pensar na profissão DJ. Com o tempo fiquei amigo, principalmente, do **Marquinhos MS**. Foi ele que abriu muitas portas pra mim e me mostrou as lojas Lop Bop e Bossa Nova Discos, nas galerias do centro de São Paulo. Passei a frequentar essas lojas e fui conhecendo cada vez mais o universo dos discos importados e das músicas undergrounds que tocavam no Madame. Fui me apaixonando por tudo e tendo contato com outras pessoas que trabalhavam nessa área. E as coisas foram acontecendo. Com o tempo, fui adquirindo discos de vinis importados, fui cada vez mais me aproximando e me apaixonando por esse universo dos DJs, da noite e das festas.

Depois de algum tempo, o Madame ficou sem DJ na casa. Os residentes saíram e como o repertório da casa era marcado por um tipo de música muito específico que não tocava em outros lugares e quase nenhum DJ tinha aquele material (era material de difícil acesso – lembrando que era uma época sem internet). Os DJs só tocavam com discos de vinil mesmo... Foi quando me chamaram pra tocar, pra quebrar um galho, alias, por que eu nem era DJ, nem sabia mexer nos toca-discos e no mixer – ainda não tinha noção de como funcionavam.

Então, acabei topando de fazer um teste. Na verdade, sabia que era mais pra quebrar um galho até eles conseguirem um DJ fixo pra tocar na casa. Fui para a minha primeira noite no **Madame Satã**, com os discos que eu tinha, que nem eram tantos, mas foi o suficiente pra tocar algumas horinhas. Minha estreia foi um pouco turbulenta, por que eu tinha muita noção do que estava fazendo e alguns amigos DJs me auxiliaram, me explicando algumas técnicas. E eu lá, escolhendo os discos e tocando. E aconteceu, com o tempo me pedindo pra ficar, até que encontrassem um DJ. Só que esse DJ não foi encontrado e eu fui tocando e pegando gosto, cada vez mais, pela profissão, por ser DJ, pela coisa de estar ali tocando e fazer as pessoas dançarem.

Quando eu comecei a frequentar o **Madame**, antes de tocar na casa, algumas músicas que tocavam por lá me marcaram muito. Foi quando eu ouvi **New Order**, **Depeche Mode**, **The Sisters Of Mercy** pela primeira vez, Teve uma música que me marcou muito: **"Faces of Freedom"**, do **Test Dept**.

Quando tocava essa música eu ficava louco! E foi justamente por causa dessa musica que eu fui conversar e conhecer o **DJ Marquinhos MS**, pra perguntar "Que música é essa? "O que era aquilo?".

Então essa música marcou muito essa fase: o **Madame Satã**, a cena underground e o início da minha carreira.

(1) EBM

Gênero musical, resultante da fusão do Synthpop dos anos 80 com a Industrial Music, criando um estilo pesado e agressivo, porém amigável com as pistas de dança. O grupo belga Front 242 inventou o termo, em meados dos anos 80, para explicar o som diferente que ele fazia.

**OHM:**

Você acompanhou toda revolução sonora causada pela música de dançar. Isso de forma abrangente, mundialmente. Mas, principalmente em nossa cena principal: São Paulo. Você esteve presente na história de nossas mais significativas casas do movimento underground. Fale um pouco de sua trajetória por ela: nomes, pessoas, coisas boas e outras nem tanto.

MAU:

Bom, acho que justamente por iniciar numa casa underground, que foi o **Madame Satã**, e ter como referência os dois grandes DJs que eram os maiores representantes da música underground na época (talvez até hoje), eu tive essa influência e meu gosto partiu sempre pra esse lado, de procurar artistas novos, musicas novas, selos novos, estilos diferentes – eu sempre tive uma apetite em descobrir novas tendências. Depois do **Madame**, passei por alguns clubes pequenos que não tiveram tanta relevância na minha carreira, mas que foram de extrema importância para que eu desenvolvesse técnicas e pegasse experiência. Quando sai do **Madame**, a primeira residência foi no clube **US Beef Rock**, no final dos anos 80, e que teve forte influência na minha carreira. De 89 a 91, trabalhei lá e foi o primeiro lugar que eu tive total liberdade pra fazer o meu trabalho e desenvolver da maneira que eu achava melhor. Porém, eu tocava nas matinês, no famoso **"Club on Sunday"** da **US Beef Rock**. E era mais direcionado pra garotada da época, mas eu achava ótimo, porque consegui desenvolver um bom trabalho.

Mas, a primeira residência que realmente levantou minha carreira e me fez ficar com o nome mais forte, foi no clube **Sra Krawitz**. Era um clube super underground, que marcou uma época muito bacana, com o início da música **Jungle** e da **Trance Music** ⁽²⁾. Na verdade, era uma salada, onde eu tocava do lado do **Renato Lopes**, nós éramos residentes. Depois, teve também o **Eduardo Corelli**, com a personagem chamada **Selma Self-Service** e nós fazíamos juntos as noites de quinta a sábado. Foi uma época muito bacana.

Foi também o início da coluna Noite Ilustrada, da jornalista **Erika Palomino**. A coluna era uma página do jornal Folha de São Paulo e foi muito importante nessa época porque a **Erika** falou muito da noite de São Paulo e conseguiu projetar o que a gente fazia pro resto Brasil.

O **Sra Krawitz** ficou também muito conhecido por trazer um som diferente e pelas noites temáticas, que o promotor **Nenê Krawitz** fazia, com brincadeira e coisas meio malucas.

E no **Sra Krawitz** foi a quando adotei e usei pela primeira casa o nome de **DJ Mau Mau**, porque até então, era **DJ Mauricio**. Foi por sugestão, também, do **Marquinhos MS**. Mau Mau era um apelido de infância e algumas pessoas já me chamavam assim. Então, o Marquinhos falou: "Por que você não coloca esse nome? **DJ Mau Mau** é um nome impactante!" E foi daí que eu comecei a usar esse nome.

Depois do **Sra Krawitz**, em um curto período, fui convidado pra ser residente no primeiro "**After Hours**" do Brasil: o **Hells Club**. Lá, foi o primeiro clube onde eu fiz um som mais específico e mais direcionado só para o **Techno** ⁽³⁾. Essa era a época em que o **Techno** estava em alta. Foi também na época do **Hells Club** que eu fiz minha primeira viagem internacional. Foi uma época muito legal em que meu nome foi projetado pra todo o Brasil.

Depois do **Hells Club**, fui residente de outro importante clube, o **Lov.E**, através da noite "**TechNova**", uma noite que começou com o **Oscar Bueno** promovendo e depois passou pras mãos da **Eli Iwasa**, que hoje é uma grande DJ da cena. Na época, o **Renato Cunha** e eu, éramos residentes da "**TechNova**", que rolava sempre as sextas. Essa foi uma fase muito bacana também, na qual eu fiz muito intercâmbio. Por exemplo, levamos a festa "**TechNova**" pro **Rex Club** de Paris e os DJs do **Rex Club** vieram pra cá tocar com a gente.

Depois do **Lov.E**, teve a abertura do **D-Edge**, onde já comecei como residente da noite "**MotherShip**". Atualmente, sou residente no "**Super After**".

O **D.Edge** é também uma outra casa muito importante. Revolucionou a cena com toda parte visual e estética da casa, o que foi super importante.

(2) JUNGLE

Gênero de música eletrônica derivado do **Hardcore Breakbeat**. Surgiu na Inglaterra no início dos anos 90 como parte das cenas rave do Reino Unido.

(2) TRANCE

Gênero de música eletrônica que emergiu da cena **New-Age** britânica, do **Techno** alemão e da cenas **Hardcore** do começo dos anos 90

3) TECHNO

Gênero de música eletrônica que surgiu em Detroit, USA, em meados dos anos 80, da fusão da música Afro-americana, incluindo **Chicago House**, **Funk**, **Electro** e **Jazz Fusion** com a música eletrônica de artistas como **Kraftwerk**, **Giorgio Moroder** e **Yellow Magic Orchestra**, etc.

Além disso, tenho algumas outras residências espalhadas em outras casas e também tenho a minha própria noite, que é a "**Housera**" em parceria com o **Rock Castro**, meu amigo e DJ. Tenho ainda uma festa aqui em São Paulo, que é "**A Gangue**", com um coletivo de amigos.

Ainda sobre residências, teve também a do **Clube Base**, aqui em São Paulo, mas lá fui residente por um período curto.

OHM:

E lá fora? Onde se sente em casa quando não está em casa? Conte-nos um pouco sobre sua vida na gringa, residências, projetos, parcerias, tours, etc.

MAU:

Tive residência na "**Open House**", uma festa itinerante na França. Foi o lugar que mais toquei fora do Brasil. A "**Open House**" rodava por toda as capitais da França e eu fiquei durante 2 anos como residente. Foi um momento de muita experiência, no qual fiz muitos contatos legais e lancei muitas músicas por selos gringos, por conta dessa residência na "**Open House**".

OHM:

Como vê a atual cena brasileira? O que pensa sobre nossos velhos (no bom sentido, óbvio) e novos DJs, produtores e artistas?

MAU:

Nesses 31 anos de carreira, acompanhei muitos altos e baixos na cena brasileira e muitas coisas legais aconteceram, outras nem tanto. Mas o que pude observar, é que hoje com a facilidade da informação e através das redes sociais, a coisa explodiu novamente, cresceu muito rápido nos últimos anos, de uma maneira impressionante.

Atualmente acho muito legal o que está acontecendo, por que a gente tem muitas opções de festas, de clubes e de coletivos que estão agitando. E o mais legal, é que agora a moçada bota a mão na massa e faz a própria festa, organiza tudo e não fica dependendo de grandes clubes e pessoas/empresários que as vezes visam só lucro. Acho isso muito democrático. A gente tem, a cada fim de semana, varias festas acontecendo no mesmo dia. Então você tem a possibilidade de escolher o que você quer ouvir. Eu acho isso fantástico!

A cena cresceu muito, né? Tanto na parte de DJs e de festas, quanto na parte de produtores. Fico cada dia mais feliz de poder tocar músicas de produtores nacionais que eu gosto e admiro. Há um tempo atrás eram pouquíssimas pessoas que produziam e tinham visibilidade aqui no Brasil e no resto do mundo. Hoje em dia tem muito talento aqui no Brasil e tem muita oportunidade também. Legal que as pessoas daqui criando os próprios selos, fazendo toda essa parte de distribuidora, gravadora, usando todas as mídias e de todas as formas possíveis pra divulgar e espalhar isso. Estou achando tudo muito bacana!

OHM:

Vamos falar sobre músicas e influências. Defina o que é para você a música de dançar do século 21?

MAU:

Eu não sei se eu consigo definir exatamente a música do século 21, mas posso dizer que estamos num momento em que todos os gêneros e estilos musicais que explodiram em décadas passadas, são as fontes de inspiração para música que se faz hoje. É como se fosse um apanhado, uma mistura de todos os elementos característicos de cada movimento específico, misturados num mesmo caldeirão.



Acho que a música deste século parte um pouco da experiência de cada DJ e como alguns DJs já possuem certa maturidade e experiência, acabam influenciando na hora de fazer um set ou produção. Eu digo por mim mesmo. Meu set atualmente é uma mistura de vários gêneros, de várias referências, mas sempre procurando passar o meu estilo. Ele tem pouco de House, um pouco de Techno, um pouco do Acidhouse, um pouco dos Breaks, um pouco do Hiphop. Sempre procuro construir, contando uma história, como se cada set fosse um pouco de tudo que eu vivenciei

OHM:

Quais ou quem realmente te influenciaram ou influenciam? Existe algum um artista ou grupo especial? O que hoje mais arrepiava sua pele quando escuta música?

MAU:

A bagagem musical começa lá na infância. Na minha infância, escutei muito **Funk e Rock Progressivo** e isso de certa forma influenciou o que eu viria a escutar depois. Na área dos DJs, as grandes referências e influências que tive, foram com os produtores e DJs da primeira e segunda geração de **Detroit**. Eles sempre estiveram presentes no meu gosto musical e no meu repertório. Sempre acompanhei e admirei o trabalho de DJs como **Juan Atkins, Derrick May, Carl Craig, Kevin Saunderson**. Tive uma referência muito grande do estilo de Detroit. Dos produtores, o meu preferido é o **Carls Creig**, que continua na ativa até hoje. Ele sempre tem músicas que me surpreendem e eu acho fantástico. Fora de Detroit, acompanho muito os lançamentos do selo **Warp Records**, grupos e projetos como **Aphex Twins, Perfuse 73**, isso por que eles exploram o lado underground da música eletrônica. Mas também gosto muito de pesquisar e procurar novos sons, novos produtores, novos selos. É uma busca incansável por novidade. Isso é o que mais me dá tesão, descobrir coisas novas!

Bom, música boa, em geral, me arrepiava.

Já me emocionei muitas vezes, simplesmente por causa de um acorde ligado à reação da pista. Mas, o que mais me surpreende e o que mais me deixa nas nuvens, é quando eu escuto músicas que trazem algo diferentes, alguma fórmula diferente, algum timbre que eu nunca ouvi, uma maneira diferente de fazer alguma coisa na música que não seja uma fórmula já usada, já descartada. O que me arrepiava! Eu gosto de novidade, de ser surpreendido, de pensar: "Caraca, como é que o cara teve essa ideia?" "Por que é que não pensei nisso antes?"

OHM:

E sobre produção musical? Como foi sua trajetória? Conte um pouco seus selos, melhores produções e parcerias

MAU:

Na minha trajetória de produção tive muitas experiências diferentes, muitas parcerias. Começou quando meu amigo **Bruno E** me convidou pra juntos fazermos uma música. Eu não tinha muita noção das coisas, mas me arrisquei. Produzimos 2 músicas que entraram pra umas coletâneas e foram lançadas aqui no Brasil. A partir daí me interessei, vi que era uma ferramenta nova, poder produzir o meu som e depois tocar na pista.

Logo em seguida, conheci um grande músico, o **Franco Junior**, que foi tecladista do **RPM**, tocou com **Kiko Zambianchi, Capital Inicial** e é um grande parceiro até hoje. A gente desenvolveu vários trabalhos, praticamente foi ele que me ensinou a mexer nos softwares. Através do **Franco** conheci outros 2 amigos que juntaram-se a nós para formamos o **M for J**. O **M4J** é um projeto meu, do **Franco Junior**, do **Manuel Vanni** e do **Macel SK**, criado com intuito de fazer algo diferente, de usar a música eletrônica com ritmos

brasileiros. Lançamos 2 álbuns pela gravadora **Trama** e vários singles, através do selo que criamos, chamado **TropcRecords**, que foi distribuído pelo mundo inteiro.

Músicas que fizemos pelo **M4J**, chegaram nas mãos do **Carls Cox** e fomos os primeiros brasileiros a ter o prazer de ouvir nossas músicas tocadas pelas mãos do **Carl Cox**. Ele colocou música minha em sets da **MixMag**, elogiou nossos trabalhos e isso pra mim mostrou que eu deveria continuar na área de produção musical. O trabalho do **M4J** propiciou várias parcerias, ganhamos alguns prêmios, entramos em playlists e sets de DJs importantes como o **Derrick May, Stacey Pullen, Carl Craig**.

Fiz vários remix pra artistas importantes da **MPB** aqui no Brasil como o **Edgard Scandurra, Rita Lee, Marina Lima, Kiko Zambianchi, Roberto Carlos, Laura Finocchiaro, Rodrigo Pitta** e certamente devo estar me esquecendo de mais gente a!

Atualmente eu tenho alguns projetos. Um deles é o **2ATTACK**, meu e da **DJ Paula Chalupi**. Temos músicas produzidas e também nos apresentamos como dupla. Também tenho meu próprio selo, o **MMusic**, com lançamentos em vinis e tenho produzido e mandado músicas para vários selos no Brasil e no mundo.

OHM:

Prá finalizar, gostaria de comentar sobre seu vanguardismo. Seu estilo se mantém revigorado e sempre surpreendente. Isso em diferentes frentes como remixes, videoclipes, trilhas sonoras, live-actions, etc. Mas nos conte um pouco sobre sua fantástica experiência na remontagem da ópera o **Guarani**. A **OHM** não poderia deixar de perguntar sobre isso.

MAU:

Meu trabalho sempre teve como diferencial a busca pelo inédito, pelo novo, pelo diferente. Sempre gostei de unir e compartilhar informações, ideias e convidar vários artistas pra participarem de apresentações ao vivo comigo. Eu procuro inovar! Uns projetos deram certo, outros não, mas eu nunca tive medo de arriscar, medo de apresentar algo diferente. Mas o meu maior desafio em toda carreira foi remontar a ópera "**O Guarani**" de **Carlos Gomes** (por **Dj Mau Mau** e Maestro **Fabio Gomes de Oliveira**). Foi uma experiência única, eu nunca tinha visto uma partitura de ópera antes, foi bem assustador no começo, mas encarei o desafio e montei toda a trilha com o meu parceiro Franco Junior. Fizemos toda a versão eletrônica dessa ópera. Foram três apresentações em São Paulo e uma no Rio de Janeiro. Foi realmente uma experiência fantástica! Apreendi muito com esse trabalho pois me abriu muito os horizontes na área de produção. Tive muito apoio dos músicos que estavam presentes nas apresentações ao vivo. E não tenho nem palavras pra descrever a felicidade que foi realizar esse trabalho. Gostaria muito que pudesse ser reapresentado, pois foram poucas apresentações devido à grandiosidade do trabalho. Mas me enriqueceu muito e depois disso eu fiz vários outros trabalhos de produção pra trilhas sonoras, pra filmes, pra comerciais, justamente pela repercussão que teve o trabalho da ópera, que foi muito inovador na época.



FOTO: DIVULGAÇÃO

DJ Anthony

Do Techno ao Jazz Eletrônico

Deep Jazzy

Desde meados dos anos 70 a experimentação eletrônica e eletroacústica do **Jazz** rendeu estilos interessantes. **Herbie Hancock** e os japoneses do **Yellow Magic Orchestra** são bons exemplos de artistas que criaram e seguiram o caminho mais dançante, mais **Funk & Soul** das experiências eletrônicas do **Jazz**.

Mas **Detroit**, com seu **Techno** definitivo também influenciou muito, aquilo que viria a ser chamado nos anos 90, de **Future Jazz**.

Hoje com a uso de instrumentos digitalizados, samplers, sequencers e outras ferramentas digitais, nos estúdios ou não, temos um outro caminho de experimentação, no qual o **Future Jazz** interage muito intimamente com a **House Music**, especificamente com o **Deep House**, nos presentando com o som impar do **Deep Jazzy**

Anthony Alberto Cunha, aka **DJ Anthony**, despertou interesse pela mixagem desde muito cedo. Como filho de uns dos melhores DJs dos anos 60, 70, 80 e 90 em Belo Horizonte, teve boas influências sonoras. Dedicou seu tempo à pesquisa e treinamento diário, focado sempre em estilos como **Techno**, **Deep Jazzy**, **House Music** e **Tech House**.

Sua dedicação e seus setmixes o levaram a discotecar em várias casas e festivais pelo Brasil, como na **Baronete** (RJ), **Brooklin Beach** (SP), **Roxy** (BH), **Josefine** (BH), **Na Mata Café** (BH), **Pop Rock Café** (BH), **Café Kankun** (BH), **Emme Lounge** (BH), **Deputamadre Club** (BH), **Velvet** (BH), **Miss Pig** (BH), **Calangute Festival** em Porto Alegre, Florianópolis e outros.

Divide a cabine com nomes relevantes da cena eletrônica como **Chris Bogan**, **Danny Verde**, **Miss Dix (Ministry of Sound)**, **ISO** (Berlin), **Flow & Zeo**, **Digitaria**, **DJ Mau Mau**, **Gustavo Peluzo**, **Carlos Kroeff**, **Robinho BH**, **Jota**, **Devotchka**, **Tamar Sabadini**, **Pedro Neves**, **Alvinho L. Noise**, **Cury**, **Vanucci**, **Breaking Beattz**, **Bad Boss**, **Markman**, **Leo Olivera**, **Leo Mille**, entre outros...

Anthony é bastante conhecido por sua influência do **Tech House** europeu, **Acid** e **Techno** de **Detroit** e suas variações. Isso fica cada vez mais evidente nos sets consistentes e bem elaborados que produz e toca, demonstrando versatilidade e bom gosto, rendendo apresentações recheadas de novidades únicas.

Atualmente é um dos DJs residentes do **Projeto Nujazz no Parque**, em Belo Horizonte, onde, em seus sets, mostra o resultado de suas pesquisas sonoras sobre **Deep Jazzy**.

CANAL OHM YOUTUBE
ANTHONY - PLAYLIST 01
<http://tiny.cc/almb2y>



CANAL OHM YOUTUBE
ANTHONY - PLAYLIST 02
<http://tiny.cc/lomb2y>



CANAL OHM YOUTUBE
ANTHONY - PLAYLIST 03
<https://goo.gl/UCSw5r>



ANTHONY - SOUNDCLLOUD
<http://tiny.cc/x6891y>



ANTHONY - INSTAGRAM
<http://tiny.cc/4c3a2y>



DJ Memê

Marcelo Mansur: nosso top House DJ

Eu também considero o **Memê** como o pai da **House Music** brasileira.

Mas tem uma coisa engraçada nesse título. Pais são naturalmente mais velhos, experientes, daí a referência e associação por terem feito algo grande e nobre tempos atrás.

Mas com **Marcelo Mansur**, acontece um pouco diferente: ele está sempre em busca da renovação, trabalhando para manter-se contemporâneo. Fez muita coisa lá atrás, mas continua fazendo. Com isso, sua experiência se acumula, mas não fincada numa linha de tempo passada. Sua linha de tempo é ativa, viva, completamente criativa e nos surpreende a cada dia! E ele faz isso sutilmente, como poucos que possuem a coragem de se recriar, explorar todas as possibilidades, abrir novos caminhos, dar visibilidade ao talento dos outros e mostrar ao mundo o quanto ama a música.

Acho que na verdade, o **Memê** é um dos pais da música brasileira. Somos eternamente gratos por isso.

E que venham masi de músicas!

Obrigado **Memê**! A **OHM** se sente honrada por tê-lo em nossas páginas!

Leo Olivera
Editor da **OHM** - Belo Horizonte





Leo: Nos interessa muito saber como foi que tudo começou.

Memê: Sempre fui cercado de muita música em casa, o que parece ser comum a todos que escolhem a música como carreira. Meus pais escutavam música o tempo todo. Minha mãe adorava a **MPB** clássica de **Milton Nascimento, Chico Buarque, Simone, Bethânia, Maysa**, etc, e meu pai era o fanático pela **Bossa Nova** e **Jazz**, como **Oscar Peterson, Charles Mingus**, entre outros, e amava loucamente **Tom Jobim** e **João Gilberto**, muitas vezes contando e passando para mim o que ele sentia quando havia descoberto a **Bossa**.

Na década de 70, eu estava então entre os meus 10/11 anos e a música para atingir a molecada tinha apenas duas opções: ou o **Rock** ou a **Disco Music**. Eu não tenho dúvida alguma de que toda a melodia e harmonia ouvida em casa influenciou o meu caminho na direção da **Disco**...sem volta !

Estávamos então em 1976, quando a **Disco** começou a crescer no Brasil, precisamente um ano antes do lançamento mundial do filme **“Saturday Night Fever”** com **John Travolta**, que viria a confirmar a minha escolha. Eu não saía de casa se meu cabelo não estivesse exatamente igual ao dele e assim foi até 1996, com algumas variações, já que o cabelo dele é melhor que o meu lolol!

Eu não pensava em ser DJ e nem sabia direito no que consistia tal carreira, mas

uma coisa era certa: Eu gostava TANTO de música, que a minha diversão era justamente mostrar músicas que eu gostava a quem chegasse perto, fosse minha família, amigos do meus pais, ou meus próprios amigos. Mal sabia eu que esse é o principio de qualquer DJ. (ATENÇÃO!)

Aos 12 anos, impulsionado pela necessidade de viver aquilo tudo em maior escala, comecei a comprar discos e fazer festinhas no playground do meu prédio e posteriormente na sala de casa, chamando os amigos da escola, até descobrir que haviam clubs que faziam matinês aos domingos para pequenos **Travoltas** como eu. No dia em que eu fui à minha primeira matineé, convenci alguns colegas do colégio a irem comigo, os mesmos que eu já frequentavam as festas lá em casa. E assim que atravessamos a porta do club, não demorou nem 4 minutos para que eu avistasse a cabine do DJ e achasse aquilo mais interessante do que a pista, largando os amigos ali mesmo para subir as escadas e encostar-me na lateral da cabine, de onde só safi no fim da sessão.

Foi ali que vi pela primeira vez o equipamento, a técnica do cara, as passagens de uma música pra outra e pensei (sem trocadilhos): Porra, esse cara SOU EU !!

Leo: Mas qual foi a música ou artista que mudou a sua vida

Memê: Certamente a trilha sonora de **“Saturday Nught Fever”** (a mais vendida trilha de cinema até hoje) foi um grande empurrão, pois o álbum era duplo e o filme fazia o papel de um grande videoclip, que somado ao disco permeava minha cabeça 24 horas por dia. Dali eu procurei mais informações sobre os artistas que estavam no disco (**Bee Gees, The Trammps, K.C. & The Sunshine Band, MFSB**, etc) e a **Disco** só se reforçava na minha cabeça. Minha discoteca só aumentava e eu encontrava outros meninos da minha idade que também gostavam de música como eu. Futuros DJs !

Leo: Você sempre esteve presente, sempre muito próximo das grandes revoluções sonoras da música contemporânea de dançar. Artistas, DJs, grupos, estilos, tecnologia. Quem ou o que mais influenciou sua carreira?

Memê: Não houve um “quem” maior do que todos. Houveram sim váaaarios profissionais e artistas que foram espelhos e portas para mim em clubs , rádios, gravadoras, etc. Mas isso ainda acontece, pois meu interesse não mudou e meu caminho se solidifica a cada ano.

Numa carreira longa tudo o que você vive conta 1 ponto, porque cada acontecimento tem um valor diferente e tudo isso acaba se juntando às suas escolhas, fazendo você ser quem é. Dou valor a todos os que me ensinam algo ou que me dão oportunidade. Sou sempre extremamente agradecido. São muitos, mas muitos acontecimentos e pessoas a contabilizar, pois desde que comecei tive tantas boas oportunidades na música que, sem escolher, levaram-me a ter hoje uma vida tripla: tornei-me um DJ que tem carreira no Brasil e no exterior; sou também remixer e produtor de música eletrônica e esse meu prévio trabalho como remixer levou-me a ser descoberto pelas gravadoras e artistas do nosso país, que acabaram me dando o papel de produzir música **Pop** com a minha própria sonoridade. What a blessing !

NR: Vale dizer também que essa vida tripla confunde 90% do mundo. O ser humano tende a colocar você em uma caixinha apenas e como eu fico pulando entre três, raros são aqueles que conseguem entender essa multiplicidade sem me jogar uma etiqueta disso ou daquilo.

Mas com o tempo eu aprendi que o problema é deles e não meu! Se eu for me preocupar com outros, perco o foco. Eu posso seguramente dizer que a minha MAIOR influencia é mesmo A MÚSICA em si. A extrema paixão que tenho por ela me conecta com todas as pessoas e me traz brilho nos olhos. Gosto mais de música do que de gente.

Eu não poderia ter sorte maior: vivo hoje da paixão que escolhi desde pequeno e nunca me decepcionei.

Leo: São poucos os DJs do nosso país que podem contar de forma ampla e com propriedade como foi e é a evolução de nossa música eletrônica de dançar. Conte um pouco sobre a cena brasileira? Quais as suas percepções para os próximos anos?

Memê: Bom, já que você percebe que o tempo de carreira vale algo, vou usar essa minha experiência para responder ... e leia quem quiser, pois já não me importo mais!

Tô de saco cheio de ser chamado de polêmico pelos menos inteligentes ou pelos que estão aqui só a passeio e tentam enfraquecer minhas opiniões, preferindo botar uma venda em todos, mas é preciso constatar que nesse momento a cena brasileira não anda tão bem quanto o 'brilhante' marketing vem proclamando, e isso é sim causado principalmente por causa da economia do nosso país.

Ah...polêmica do maluco? Vamos então avaliar alguns fatos, mas lembre-se que eu não me refiro às exceções, e sim ao que é frequente, ok? Então não venham me falar de 9 ou 10. Vamos lá:

Centenas de clubs fecharam e outros estão bravamente levando na dificuldade.

O público só está saindo de casa por uma boa razão ou uma atração especial, senão acabam em bares e restaurantes. Váaaarios DJs diminuíram as datas ou desapareceram. Festivais dão prejuízo ou acabam... e por aí vai.

Fora a parte econômica do país que não nos compete, percebe-se um problema interno e muito maior que dói pacas: a vaidade tomou conta da cena e a música ficou menos importante. Ah...outra polêmica? Quero ver alguém negar:

Agências brigam entre si e prejudicam line-ups ("se meus 10 DJs não tocarem, nenhum vai!).

DJs disputam quem ganha mais ou faz mais tracks por segundo. Outros DJs medem quem assina mais contratos com selos gringos, mesmo que isso não acrescente porra nenhuma à sua carreira (tudo em nome de fotos e likes no Facebook). Supostos "managers" surgem do nada sem experiência alguma e acreditam que conduzir carreiras significa apenas aumentar o cachê para seus artistas, mas os largam quando o cachê cai; etc, etc, etc.

A única coisa que é notável e crescente é a união entre os donos de clubs, que me parece aumentar a cada dificuldade que vivemos nessa cena. Por que não estão todos nessa?

Como pode um movimento qualquer crescer sem união?

"Collab" NÃO É UNIÃO e isso já está mais que provado, destruindo amizades e possibilidades posteriores.

Num país gigantesco como o nosso, os laços seriam poderosíssimos se fossem atados, não?

Como você explica uma quantidade gigantesca de DJs e músicas, que não conseguem de jeito algum

ser exportadas, mesmo vendo que os gringos já nos conhecem e estão sempre aqui? Será preciso um investimento **sertanejo** em todos? Ah...e ainda tem essa merda de música, que ninguém aguenta mais, fazendo o papel do diabo e atraindo alguns para o lado negro da força.

Gente, o público consome o que damos a eles. Cadê a responsabilidade? É essa a herança?

É esse público que estamos formando? Levando eles para a direção contrária à nossa, entregando eles de bandeja para as festas sertanejas? Ou apenas a grana no seu bolso e a promessa de fama já basta?

Não importa se você é do **Techno, House, Bass, Comercial** ou **Funk**. Se não houver união logo d'uma vez, uma nova geração de profissionais surgirá dessa guerra, mais rápido do que se pensa e sinceramente espero que sejam mais inteligentes.

Leo: Você tocou em quase todas as casas mais relevantes e famosas aqui e lá fora. Como é o seu ciclo de apresentações, residências, projetos? Existe algum lugar do coração, que realmente te deixa emocionado quando se apresenta por lá?

Memê: Gosto de tocar para quem vai pela música e no exterior isso é bem mais comum. Sair de casa pela música é realmente parte da cultura clubber e em raros casos (como em **Ibiza** e festivais) é quase "contra a lei" você não agir assim.

Nos últimos três anos minha vida profissional apontou para a Europa como eu nunca havia previsto, pois hoje sou residente de um club na Itália, o **Cala Sveva**, que facilitou minhas **gigs** por lá. Todo mundo que toca fora sabe que o grande problema da gente aqui é o valor da passagem. Enquanto o **Tiesto** voa de Amsterdam para Londres por 200 euros, nossa viagem para lá (sem promoção) custa hoje em torno de 1500 euros. Estar na Itália facilitou aos bookers e clubs a parte que precisávamos, então aos sábados eu toco em **Cala Sveva**, e nos outros dias da semana eu posso estar na Romênia ou na França, pois no verão europeu os clubs procuram abrir pelo menos quatro dias por semana. Tem **gig** em todo lugar.

Pra completar, apesar da Europa ser o grande foco hoje, a Ásia sempre me emociona. Eles são bem fiéis e amam música. Não há identificação melhor com o público.

Leo: E sobre produção? Como começou e como é hoje a sua percepção e dedicação à produção? Músico, criador/programador de beats, produtor, engenheiro de mixagem e masterização. Onde mais gosta de atuar? Como anda a sua contagem de álbuns produzidos?

Memê: Eu nunca contabilizo nada do que faço. Não sei quantos discos já vendi, quantas **gigs** já fiz, quantos clubs já toquei ou quanto já ganhei ou perdi. Não tenho interesse em números, pois tudo é uma senóide, né? Em um dia está bom e em outro não está. Não posso me deixar levar por números, e isso é o que me mantém vivo e sempre animado.

Minha experiência na produção musical iniciou-se em 1986, quando eu consegui um emprego na **Rádio Transamérica** como operador de gravações e depois do expediente eu ficava até as 6 da manhã cortando fitas e fazendo re-edits das músicas que tocavam na programação, para dia seguinte substituir os originais pelas minhas versões exclusivas para a rádio.

Tudo era experimental, mas um dia ... esses meus "remixes" chamaram a atenção do gerente de marketing da gravadora **Polygram** (hoje **Universal**), que me ligou pedindo para fazê-lo profissionalmente em seus estúdios. Ali eu subiria mais uma etapa na minha carreira, acrescentando meu som de DJ aos remixes.

E como já disse, posteriormente os próprios artistas que ouviram o que eu fazia e pensaram: "Por que não chamar ele para produzir assim já na versão original?". E assim foi.

Dentro dos estúdios profissionais, com os orçamentos gigantes da época em que discos vendiam 1 milhão, eu pude experimentar ao máximo, gravar no exterior e principalmente conviver e aprender



FOTO: DIVULGAÇÃO

com gênios da música e grandes engenheiros dos estúdios, os quais eu nunca teria contato se fosse apenas um DJ de club. E assim a minha paixão pela música virava um casamento para sempre. Quando comecei a ver o público consumindo e dançando o meu som na rádio e nas pistas, os artistas me ligando, as vendagens ultrapassando discos de ouro, platina e diamante, entendi que eu tinha um valor diferente dentro da minha própria classe e acreditando investi nessa direção. Isso tudo acabou rapidamente abrindo portas para toda a nossa classe, fazendo as gravadoras e artistas saberem que nós DJs tínhamos algo a acrescentar que eles ainda não tinham. Foi mais ou menos o que rolou com o Hip-Hop que entortou a música para sempre com um som que só os DJs entendiam.

Leo: Sobre seus projetos. **Def Mix, Lulú, Defected In The House**, só para citar alguns. Mas fala para a gente: quais aqueles que foram ou são realmente importantes ou especiais para você? E os projetos atuais e futuros??

Memê: **Def Mix** é a mais respeitada agência de DJs da **House Music** no mundo por uma única razão: foi formada em torno do "godfather" da **House Music Frankie Knuckles**, que de grande ídolo acabou virando meu grande "irmão mais velho" desde 1992 e alguns anos mais tarde, convidou-me a fazer parte do seleto elenco da agência (nunca tiveram mais do que 6 DJs no cast), o que causou uma comoção geral no universo da **House Music**, agregando um valor antes impensável ao meu nome. Foi como se eu fosse condecorado pela rainha Elizabeth tornando-se "Sir Memê" e ela batendo a espada no seu ombro rrsrs. No Brasil, acho que somente o **Marky** tem esse tipo de destaque em sua cena **Drum'S'Bass**. O que veio em torno disso foi consequência. A **Defected** tornou-se comum para mim pela apresentação do **Dimitri From**

Paris, outro amigo sincero nessa cena, que levou minha música para o **Simon Dunmore** (dono do selo), e desde 2006 eu lanço coisas por lá, seja um remix, uma música própria ou mesmo um álbum mixado por mim (**Defected In The House Brazil**). Eu trouxe **Simon** ao Brasil para o **RMC** de 2012. Foi fantástico!. **Lulu**...ah, esse é meu irmão. Hoje posso seguramente e sem modéstia dizer que na cabeça do grande público, a nossa história se confunde, mas para encurtar te digo que trabalhamos juntos até hoje porque nossa sintonia musical funciona como um espelho. Nossa última experiência foi no mês de novembro passado, quando ele me ligou num domingo à noite dizendo: -"Tô com duas ideias na cabeça. Bora pro estúdio amanhã? Consegue uns músicos novos e diferentes? Lá eu te mostro a ideia". E eu vou tranquilamente sem precisar saber o que seja, pois sei que vamos funcionar. Ele sabe do que eu posso fazer por ele, e eu, sempre animadíssimo, sei que não me decepcionarei. Em 24 horas já tínhamos ambas as músicas gravadas e mixadas.



FOTO: DIVULGAÇÃO

A sintonia e vontade é tanta, e a história tão popular, que ninguém lembra que produzi outros artistas com essa minha veia de DJ, como **Barão Vermelho** (Puro Êxtase, Por você) **Gabriel o Pensador** (Loraburra, Cachimbo da paz, 2345678, Retrato de um Playboy, Festa da Música) **Fernanda Abreu** (Katia Flávia, Rio Babilônia), **Claudio e Buchecha** (Só Love, Quero te encontrar, Conquista), **Fat Family, Kid Abelha**, etc etc etc. Todos tem beats dançantes!

Leo: E os workshops? Ainda estão valendo?

Memê: Em tempos de crise, só por encomenda. O primeiro foi um sucesso. Sala lotada e todos pagando preço cheio. No segundo, a crise já estava instalada e fui obrigado a cortar o valor pela metade. No terceiro percebi que a grana acabou e todos estavam segurando, então criei também o Coaching individual no meu próprio estúdio, para os que podem pagar por ele.

Leo: E como organiza tudo isso? DJ, produtor, remixer, projetos, apresentações aqui e lá fora. Como é sua rotina de trabalho e lazer com a música?

Memê: Não tem mistério: AGENDA! Marcando e "entregando" sempre funciona. Os contratantes querem eficiência no processo e resultado no trabalho e eu sou bastante comprometido, sendo assim...quem tem pressa, tem também prazer em esperar.

Leo: E a **House Music**? Nos fale um pouco sobre isso.

Memê: A **House** vai bem obrigado. A **Disco House** tomou conta do mundo recentemente, mas infelizmente para mim, não existe frequência no interesse desse gênero atualmente aqui no Brasil, o que me forçou de uns quatro anos para cá a apontar minha artilharia e energia para o exterior. Mesmo com um país gigantesco, parece que aqui somente um gênero por vez tem lugar: "Pessoal, agora todo mundo é **House**! Não, não...agora é **EDM**! Vixe...agora todos são **Techno**. Xiiii...mudou. Agora são todos "sei-la-o-quê". Please!! Salve-se quem souber !



FOTO: DIVULGAÇÃO

Pod Giz

A nossa escola do Rock!



FOTO: BÁRBARA MACHADO

COMO COMEÇOU:

A história começa há mais ou menos dez anos. Eu (**Eduardo Maia**) e o **Rogério Bond** trabalhávamos numa escola em Nova Serra, Minas Gerais. Certo dia, na hora do intervalo, deparei-me com o **Rogério** tocando violão com os meninos. Fui até lá, peguei um violão que estava com um aluno e tocamos umas canções. Os meninos que estavam em outras partes da escola foram chegando, se aglomerando, e uma simples levada no violão virou uma apresentação musical maravilhosa, que rendeu, inclusive, mais uns minutos no recreio, com o alvará da coordenadora, claro.

No ano de 2012, juntou-se a nós o **Alfredo**, professor de Sociologia e baterista. Começamos a dar os primeiros passos do que viria a ser o **Projeto Intervalo Cultural**.

Conversávamos muito sobre a ideia de criarmos uma banda de professores que se apresentaria em escolas e daria uma aula através das músicas.

Pouco tempo depois, também juntou-se a nós o **Guilherme**, professor de Informática e baixista, e o **Pedro**, professor de música e guitarrista da banda.

E ESSE LANCE DA "EDUCAÇÃO"?

Cara, dizemos sempre que somos uma banda de PROFESSORES-MÚSICOS, nunca o contrário, porque acreditamos que a música é um dos canais para a EDUCAÇÃO.

A primeira coisa que vem à mente é a EDUCAÇÃO.

Somos professores, vivemos todas as dificuldades que os professores no Brasil têm ao desenvolver sua tão nobre profissão, mas que é tão desvalorizada no país. Mas acreditamos também que algumas coisas, nessa profissão não têm preço, mas têm valor inestimável.

Educação é profissão de fé.

A música facilita o diálogo, nos aproxima do nosso público, do nosso aluno e isto proporciona o contato, é meio caminho andado.

Esta é a nossa vibe, damos aula através das músicas.

De Nova Serra, Minas Gerais (desde 2012)

Eduardo Maia - violão e voz

Rogério Bond - violão e voz

Alfredo Gontijo - bateria

Pedro Vansconcelos - guitarra e voz

Guilherme Ribeiro - contrabaixo

CANAL OHM YOUTUBE

<http://tiny.cc/xf3a2y>



INSTAGRAM - POD GIZ

<http://tiny.cc/dh3a2y>



FACEBOOK - POD GIZ

<http://tiny.cc/qh3a2y>





FOTOS: BÁRBARA MACHADO

REPERTÓRIO E ESTILO

Transitamos entre vários gêneros, do **Soul** ao **Samba**, do **Hip Hop** ao **Pop**, mas a nossa grande influência é mesmo o **Rock'n'Roll** dos anos 80. Os três integrantes mais velhos da banda, Eu (**Eduardo Maia**), **Rogério Bond** e **Alfredo Gontijo** vivemos a adolescência nos anos finais da década de 80 e início de 90. Pegamos toda aquela efervescência do **Rock Nacional** e bebemos na fonte. Enfim, música boa é aquela que dá um recado direto.

ENSAIOS

No início ensaiávamos muito, dois ensaios por semana. Agora nem tanto. Às vezes quando estamos há um tempo sem ensaiar e tocamos em algum show e o som sai redondinho, comentamos: "se ensaiarmos fica bom" Rssrs! (aquele velho e bom sarcasmo). A rotina de sala de aula é pesada, falta tempo pra um monte de coisa, inclusive para o ensaio.

SHOWS E CRIAÇÃO

No primeiro show as mãos estavam geladas. A expectativa era muito grande. Não sabíamos o que encontraríamos na escola. Tudo era novidade. A diretora perguntou se não tinha palco. Não teria, pois a intenção era quebrar essa "separatividade" artista e plateia. Queríamos estar ali, como numa imensa sala de aula, no tête-à-tête com a meninada. Mas a diretora da escola continuou: "Mas eles vão pular aí, vão quebrar tudo..." Isto não aconteceu! E é por isto mesmo, que a festa é mais bonita: na AULA-SHOW tudo é mais bonito porque não se sabe onde começa a banda e termina a plateia, somos uma coisa só. Ensinaamos e aprendemos! Também nos apresentávamos fora do circuito das escolas, em festas, recepções, bares, mas vimos que estava havendo um choque de



FOTO: BÁRBARA MACHADO

ideologias.

A 'parada' junto à Educação é coisa muito séria. Pensamos bastante e chegamos ao denominador comum, nos apresentamos somente em escolas e eventos culturais, como Feiras de Literatura, de Cultura, etc.

Já nos apresentamos em Carmo do Cajuru, Belo Horizonte, Itaúna, Araxá, Carmo da Mata,

Itapecerica, Cláudio, etc.

FESTIVAIS

Já participamos do **Festival de Gastronomia de Itapecerica**, **Festival de Inverno de Itapecerica**, **FLID - Festa Literária de Divinópolis**, **FLICAR - Festa Literária de Carmo da Mata**, **Rua do Livro**, evento literário do Morro do Papagaio em Belo Horizonte, entre outros.

MÚSICAS QUE ARREPIAM

Desde sempre, músicas que passam um recado positivo. Aquelas que transmitem sentimentos inspiradores, sem rótulos, não importando o estilo. Aquelas que de tão boas, escutamos 3, 4 vezes seguidas. Enfim, músicas que por si só já nos dão uma aula.

PLANOS

A ideia é continuarmos nesta onda de MÚSICA e EDUCAÇÃO. Queremos estar sempre próximos dos alunos, junto a eventos culturais, que contribuem de forma efetiva para a transformação da sociedade e melhoria do mundo. Há também uma grande procura por nossas canções autorais. Já é projeto para 2019, um CD com autorais.

EDUARDO OLIVEIRA
Biólogo, fotógrafo e músico multi-instrumentista desde a infância. Já tocou em algumas bandas de garagem, mas ainda não desistiu de apresentar um pouco de sua música, marcada pelas influências do Rap, do Rock, do Reggae, do Samba, da MPB e dos ritmos afro-brasileiros e afro-latinos.



Junto e Mixado!

Programa resgata a cultura dos DJs no rádio mineiro



FOTOS: DENEWSIN

O **Junto e Mixado** é um programa de rádio FM idealizado por mim, **Clever DJ**, e pelo DJ **Guimyts**. Sua produção é feita de forma independente por uma equipe de oito pessoas e é transmitido pela **Rádio UFMG Educativa 104,5 FM**, aos domingos as 19:00 horas.

O foco é divulgar a cultura dos DJs, assim como a música dançante e informações acerca do tema. É impossível contar a história do **Junto e Mixado** sem entender como o rádio influenciou as nossas vidas. No início dos anos 90 tive acesso a programas de rádio produzidos e mixados por DJs em Belo Horizonte. Já estimulado pelas músicas, relatos e equipamentos introduzidos pelo meu pai, Clever de Oliveira, dei início a minha carreira de DJ na região Leste da cidade. Em 1999, me aventurei na produção do **Dance Mix** na **Rádio Brasil FM**, sob a direção de **Geraldo Maracunaia**. Conheci o **Guimyts** somente em 2011, quando descobri que nossa história era bem parecida. Enquanto eu estava no início da minha experiência no rádio, ele testava suas primeiras mixagens em um aparelho 3 em 1, na região Noroeste. Por influência de seu irmão Carlos Roberto, ele também se tornou ouvinte assíduo dos programas de rádio com DJs, o que o motivou a dar início a sua história como DJ.

No início dos anos 2000, expandi minha experiência tocando em rádios e eventos. Enquanto isso, **DJ Guimyts** participava de algumas rádios, mas seu foco principal era o **Hip Hop**. Ao longo desses anos presenciei a extinção de várias rádios e danceterias. As emissoras que restaram, extinguíram grande parte das programações dedicadas à **Dance Music** e, por consequência, a atuação dos DJs nas mesmas. Diante desse cenário, e considerando a evolução dos meios de comunicação, busquei na internet uma oportunidade para fazer algo pelo rádio. Foi quando, em 2004, surgiu a minha experiência prematura na criação de uma webrádio. A partir disso, continuei vasculhando as FMs e os blogs que transmitiam conteúdos musicais comandados por DJs. Foi assim que em 2011 conheci o **Soul B. Boys**, programa de webrádio voltado ao **Hip Hop**, da qual o **DJ Guimyts** já participava. Logo fizemos amizade e demos início às discussões que resultariam no **Junto e Mixado**.

Em 2011, presenciamos um fenômeno digital interessante; a popularização dos serviços de **streaming** gratuitos que fomentou o surgimento de várias webrádios. Uma que se destacou na época, foi a **Party DJs On The Web** de São Paulo, uma das influências para o **Junto e Mixado**. No entanto, percebemos que a programação oferecida por várias emissoras era demasiadamente especializada em poucos ritmos, o que nos fez caminhar em direção a um conceito mais abrangente, tanto musicalmente quanto estruturalmente. Assim surge o **Junto e Mixado**, um programa de webrádio transmitido em áudio e vídeo, que abriu o leque musical para ritmos que até então não eram explorados. Instituímos uma alternância de ritmos a cada bloco e promovemos um intercâmbio de conhecimento entre os expectadores. Estruturalmente falando, fomos um dos primeiros projetos mineiros a ter um stream próprio, transmitindo reprises 24 horas, um site oficial com conteúdo informativo e uma programação ao vivo mais dinâmica, organizada em sequencias de 30 minutos.

CANAL OHM YOUTUBE
<http://tiny.cc/nbpa2y>



MIXCLOUD
<http://tiny.cc/e8oa2y>



YOUTUBE
<http://tiny.cc/l9oa2y>



SITE OFICIAL
<http://tiny.cc/alaa2y>





A primeira transmissão foi em 06 de julho de 2012. A estreia e os dois anos subsequentes foram de extrema evolução para o programa, pois fidelizamos expectadores, firmamos parceria com DJs colaboradores e alcançamos uma realização pessoal: promover o trabalho do DJ na rádio. Uma das primeiras dificuldades veio em 2014 com o aumento do número de webrádios com conteúdo similar, o que criou um efeito de divisão de público e, por consequência, queda brusca de audiência. Fizemos reformulações na grade retomando o fôlego por mais um tempo.

Embora a Internet tivesse sanado momentaneamente nossa vontade em fazer rádio, nunca abandonamos o sonho de adaptar o Junto e Mixado aos padrões da FM e buscar novos públicos a partir de um acesso mais democrático. Em meados de 2014 tivemos a oportunidade de apresentar um programa piloto ao então diretor da **Rádio UFMG Educativa, Elias Santos**, que o aprovou após reuniões com outros profissionais da emissora, dentre eles, **Cleiber Pacífico**. O programa então passaria a ser veiculado pela internet durante a semana e pela FM aos sábados à noite, em dias e edições distintas.

Com o caminho aberto e animados por estarmos em uma das maiores emissoras educativas do país, começamos os trabalhos para a estreia, que seria no dia 6 de setembro de 2014. Unimos esforços com profissionais da rádio, que nos apoiaram desde o início. Destaco os trabalhos de **Michele Bruck** e **Breno Rodrigues**, que nos forneceram as locuções para nossa plástica e **Judson Porto**, que nos deu total apoio técnico e orientações radiofônicas. Apesar da experiência que tivemos anteriormente, esse apoio foi fundamental, principalmente na transição da linguagem e postura que usávamos habitualmente na web para o contexto do rádio FM.

As primeiras edições do **Junto e Mixado** na FM eram gravadas. O nosso desafio era fazer um programa que tivesse a intensidade de uma edição ao vivo. Por isso, fazíamos questão de gravar todos os sets musicais mixados sem edições e posteriormente as locuções de forma contínua e integral. Esse cuidado nos exigia uma dedicação semanal muito grande, o que nos obrigava a fazer as gravações a noite e muitas das vezes terminávamos durante a madrugada. Todo o trabalho sempre visou respeitar o espaço sonoro oferecido pela emissora e os ouvintes que passaram a nos acompanhar desde então. Cerca de um ano depois, em 2015, mediante uma oportunidade, mudamos o dia do programa para domingo, de 19h às 21h, dia e horário que se mantém até hoje. Por motivos técnicos e de logística, não foi possível fazer o programa integralmente ao vivo. Os sets permaneceram sendo gravados, porém a locução e a interação com os ouvintes passaram a ser feitas ao vivo no estúdio da **Rádio UFMG Educativa**, situado no campus Pampulha em Belo Horizonte.

Com a programação aos domingos e com as locuções ao vivo conseguimos expandir ainda mais o alcance e isso foi percebido com o aumento da participação dos ouvintes pela internet e telefone da rádio. O crescimento da demanda nos levou a considerar um novo membro que pudesse comandar a interatividade das redes sociais e nos apoiar nos afazeres da produção e locução.

Assim surgiu o nome de **Carol Machado**, que já acompanhava os bastidores do programa e vem desde então se destacando como uma comunicadora carismática e profissional. Este novo momento do **Junto e Mixado** nos deu mais confiança e condições para evoluir o nível da produção de conteúdo e plástica do programa. Com isso, fomentamos novos quadros como o Conexão DJ, Noticiário Musical, Set All Style, Set Pot Pourri e Agenda Cultural.

Embora estivéssemos satisfeitos com todo o resultado obtido, ainda tínhamos um sonho a realizar, que era fazer edições totalmente ao vivo, incluindo o set musical, assim como executávamos no passado. Em algumas ocasiões, levamos todo o equipamento de DJ ao estúdio da **Rádio UFMG Educativa**, mas constatamos que manter isso a longo prazo seria inviável. Então, perseguindo esse ideal, pesquisamos as tecnologias disponíveis e alinhamos conjuntamente com **Judson Porto**, coordenador de operações técnicas da emissora, o planejamento para uma transmissão remota, possibilidade que nos daria condição de transmitir o programa inteiramente ao vivo aproveitando a estrutura de um estúdio próprio.



Desafio aceito, a meta foi adequar o espaço que chamamos de **Estúdio 1**, localizado na região noroeste de Belo Horizonte. Foram adquiridos alguns equipamentos e o espaço foi reorganizado para fornecer condições de transmissão. Este novo formato estreou em 13 de novembro de 2016. A partir desta data, o **Junto e Mixado** se tornou um programa pioneiro nesse tipo de transmissão dentro da rádio. No entanto, ainda foi necessário fazer alguns ajustes técnicos que possibilitou, ao longo do tempo, uma transmissão de maior qualidade e estabilidade.

Artisticamente, o **Junto e Mixado** transmite em duas horas de programação, quatro blocos mixados com conteúdo diversificado que abrange estilos como **Soul, Funk, Disco, Electro, Miami Bass, Freestyle, House, Techno, Drum And Bass, Rap, R&B, Synthpop**, dentre outros. A cada 30 minutos um ritmo diferente é tocado e informações sobre artistas e gêneros são divulgados.

O programa é comandado atualmente por mim, **Clever DJ**, na locução principal e mixagens, por **DJ Guimyts**, na locução de apoio e mixagens, por **Carol Machado** na locução de apoio e redes sociais e pelos colaboradores **DJ Brown Breaks** (SP), **DJ Lorin** (MG), **DJ iOrdz** (PB), **DJ Marcos Oliveira** (MG) e **DJ Smart** (MG) que nos apoiam solicitamente desde 2012, profissionais de respeito que tenho extrema gratidão. Uma das premissas do programa é a manutenção da mixagem tradicional, chamada respeitosamente pela equipe de "mixagem artesanal".



FOTO: DENEWSIN



FOTO: DENEWSIN



FOTO: BRUNO FARIAS



FOTO: CAROL MACHADO



FOTO: CAROL MACHADO



FOTO: CAROL MACHADO



FOTO: ERICK NOVAIS

CLEVER DE OLIVEIRA JÚNIOR
Clever DJ é Analista de Tecnologia da Informação. Nascido em Belo Horizonte, atua também como DJ e radialista em eventos e rádios FM na cidade desde a década de 1990. Em 1999, criou o programa Dance Mix na Rádio Brasil FM. Na internet, foi pioneiro ao transmitir rádio via web em 2004. Além do amor pelo rádio e por discos de vinil, Clever DJ é ativista da cultura DJ e Hip Hop, promovendo a sua disseminação em eventos, oficinas, seminários, e demais manifestações socioculturais.



DJs residentes Junto e Mixado:

- (1) Clever DJ, Belo Horizonte, MG;
- (2) DJ Guimyts, Belo Horizonte, MG;
- (3) DJ iOrdz, João Pessoa, PB;
- (4) DJ Lorin, Belo Horizonte, MG;
- (5) DJ Marcos Oliveira, Contagem, MG;
- (6) DJ Smart, Vespasiano, MG e
- (7) DJ Brown Breaks, São Paulo, SP.

Galen Weston

Bem-vindo ao fantástico mundo do Jazz canadense

Meses atrás, recebi uma mensagem de um amigo: "Já ouviu as músicas do Galen Weston?" E foi assim que comecei minha pesquisa e audição do Jazz de Galen Weston. Gostei de imediato, assim como aconteceu com a comunidade jazzística quando em 2015, Weston lançou seu primeiro álbum chamado Plugged In. Confesso que fiz uma bela viagem jazzística em minha primeira audição. Imediatamente percebi que a OHM deveria apresentar o trabalho de Galen Weston pra vocês. E será numa boa hora, pois seu segundo álbum chamado The Space Between, acaba de sair.



PHOTO: GALEN DIVULGATION

OHM:

Conte-nos um pouco de sua trajetória na música e especialmente no **Jazz**

GALEN:

Comecei a tocar guitarra aos 11 anos de idade. Eu cresci em uma casa bem religiosa e restritiva, no campo, onde não havia muito o que fazer. Meus pais só me deixavam ouvir músicas cristãs, mas, para passar o tempo, eu costumava ouvir rock secretamente, como **Van Halen** e **Guns and Roses**. Em um Natal, ganhei de meus pais um violão. Eu fiquei muito empolgado! Pouco tempo depois eu consegui um trabalho em meio período, comecei a guardar dinheiro e, aos 13 anos, juntei o suficiente para comprar uma guitarra elétrica e fiquei viciado, chegando ao ponto de tentar fazer meu próprio amplificador a partir de um kit de eletrônicos. Não soava bem, mas abriu meus olhos (e ouvidos!) para os detalhes do som. Aos 17, eu decidi que gostaria de estudar música. O melhor programa no país era uma escola de Jazz no Humber College em Toronto, que era internacionalmente reconhecido.

Eu não fazia ideia de o que era **Jazz**, mas a vontade de tocar minha guitarra na escola foi mais que o suficiente para me motivar a aprender. Nesse mesmo verão, eu encontrei duas caixas cheias de discos antigos de **Jazz**, com uma seleção mágica das maiores bandas de **Jazz-Rock** dos anos 70 e 80, como **Mike Stern** e **Pat Metheny**. Para mim, foi uma transição fácil do **Rock** para o **Jazz Fusion**, devido a presença de guitarras distorcidas.

Pouco depois meus ouvidos começaram a se acostumar com os longos e brilhantes solos. Com o **Jazz**, entretanto, a transição não se deu tão facilmente e me acostumar com isso foi uma experiência bem frustrante. Eu já me sentia habilitado com o **Rock**, porém entrar na escola de **Jazz** foi assustador para mim. Eu ainda me lembro de meu primeiro professor gritando "Chega desse vibrato distorcido!" Eu me concentrei muito, passei anos praticando e estudando bastante, o que motivou toda a minha carreira.

Depois de me graduar, comecei a me preocupar com a dificuldade que seria me sustentar financeiramente como músico. Eu teria que me envolver com músicas das quais eu não gostava e não teria nenhuma garantia de que iria conseguir me estabelecer como músico.

Além disso, estava cansado de ser pobre e decidi procurar um emprego. Ao longo desses anos, meu maior foco foi o dinheiro, estava obcecado. Nessa fase a música representou um papel muito pequeno na minha vida. E eu senti que algo estava faltando.

Após cerca de 10 anos de trabalho constante, minha esposa, que é greco-canadense, me levou para conhecer a ilha de Lesbos, na Grécia. E foi lá que a direção da minha vida mudou completamente. Foi a minha primeira visita à Europa e a exposição à sua cultura, que era completamente diferente de tudo que eu conhecia.

Minha esposa mencionou para um conhecido, que era músico, que eu tocava guitarra. Tentei me desviar do assunto, pois já faziam 10 anos que eu não tocava. O músico pegou um Bouzouki e uma guitarra, colocando-a no meu colo, disse "Toque!". Eu estava um pouco enferrujado e pouco confiante, mas em pouco tempo, já estávamos improvisando sobre clássicos gregos.

Eu restava ali, na ilha de Lesbos, tocando guitarra novamente.

CANAL OHM YOUTUBE

<http://tiny.cc/01pa2y>

SITE OFICIAL

<http://tiny.cc/nppa2y>

YOUTUBE OFICIAL

<http://tiny.cc/ispa2y>

OPEN SPOTIFY

<http://tiny.cc/9ypa2y>

INSTAGRAM

<http://tiny.cc/c1pa2y>

Passamos horas improvisando. Era isso, eu havia renascido!
Concluí naquele momento que a música era o que motivava a minha alma. Tinha músicas tocando em minha cabeça por anos, mas não tinha a coragem de tocá-las. Decidi que meu objetivo seria finalmente fazer isso. Eu encontrei alguns músicos locais e comecei a praticar e a escrever músicas para o primeiro álbum. Me senti como um aprendiz novamente ao me ver cercado dos melhores músicos da cidade e não estar no mesmo nível deles. Mas foram essas as experiências que mais me ensinaram.

Em meu primeiro álbum, o *Plugged in*, eu literalmente escrevi músicas que seriam veículos para o meu aprendizado. Escolhi meus artistas favoritos e escrevi tributos para eles, usando essas composições para aprender como tocar. A primeira música que eu gravei demorou um ano para ser finalizada. Eu continuava regravando-a sem parar, e ela ficava cada vez melhor. Estava determinado! Depois de dois anos, eu finalizei o álbum e estava pronto para o próximo nível de meu aprendizado, que seria superar meu medo de performar ao vivo. E qual seria a melhor forma de fazer isso? Uma turnê por vinte cidades, iniciado com os **Gypsy Kings** tocando em frente de cerca de 1000 pessoas? Eu estava aterrorizado no primeiro show, mas eventualmente eu superei meu medo.

OHM:

Gostariamos muito de saber um pouco sobre a cena jazzística do Canadá

GALEN:

Toronto, onde eu vivo, costumava ter um cenário de **Jazz** bem mais movimentado que atualmente, mas eu acho que, assim como aconteceu em várias cidades na América do Norte, o **Jazz** ele morreu um pouco. Isso devido a evolução da música e como ela hoje é consumida pelas pessoas. Nós, apesar de tudo, temos no Canadá vários grandes músicos. Mas eles passam por tempos difíceis de se sustentarem pelo **Jazz**. Existem poucos lugares para se tocar agora, mas esses poucos lugares são muito bons. Eu tento planejar bem as minhas performances locais para garantir que haja uma boa audiência nesses lugares e oportunidades para outros músicos. Até então isso tem funcionado!



PHOTO: GALEN DIVULGATION

OHM:

Quais foram as suas principais influências? Músicos, estilos, épocas, etc?

GALEN:

Eu definitivamente tenho fortes influências no **Rock**, que carrego comigo desde os tempos em que tentava aprender a tocar violão. Eu gosto de diversos estilos diferentes de música, como música **Latina**, **Jazz Fusion**, **Música Clássica** e o próprio **Jazz**. Se tivesse que nomear três guitarristas eu provavelmente diria **Mike Stern**, **Pat Metheny** e **Larry Carlton**, mas já ouvi e estudei vários outros. Eu acho que o **Jazz** de entre os anos 70 e o início dos anos 90 é o que eu gosto mais. Mas estou também abrindo minha mente para os sons de culturas antigas e, cada vez mais, percebo a influência que elas têm na música moderna.

OHM:

E como foi organizar a **Galen Weston Band**? Conte-nos um pouco sobre os outros integrantes.

GALEN:

Eu conheci todos os músicos trabalhando em um estúdio de gravações que eu acabei construindo, chamado de **Rose Room**, em Toronto. Havia algumas pessoas que se destacaram para mim, tanto musicalmente quanto pessoalmente. Eu desenvolvi uma boa relação com o saxofonista **Richard Underhill**, tanto no palco quanto fora. Compartilhamos o interesse de tomar a iniciativa, e isso foi a principal característica dos dois primeiros álbuns.

Matt Horner, no piano, é um músico bem conhecedor do estilo, que eu realmente aprecio. Seus solos bem melódicos fazem com que cada nota conte. Eu tenho passado bastante tempo aprendendo alguns de seus solos no piano, assim como seus acordes e vocalizações. Ele é meu pianista favorito e é uma pessoa simples de lidar. Eu aprendi muito com todos os membros.

OHM:

Como é a rotina de shows, ensaios, sessões de gravações, tournes da **Galen Weston Band**?

GALEN:

Quando estamos gravando, eu geralmente começo com uma ideia que tenha me deixado bem empolgado. Eu chamo a banda, antes de transformar a ideia em uma música, porque sou bem impaciente e preciso de tirá-la da minha cabeça. Quando eu tenho uma ideia, tenho que levá-la até o fim. Depois de marcar o encontro com os membros da banda, eu faço o meu máximo para conseguir transformar a ideia em uma música e colocá-la no papel. Assim que a banda é reunida, nós gravamos a música, às vezes chegando a resultados totalmente diferentes do que originalmente tinha imaginado. Depois, pego a gravação final e gravo algumas faixas adicionais de guitarra. Algumas vezes eu adiciono outros músicos, dependendo de como eu ouço a música se desenvolvendo. Para tours, eu geralmente pego músicos diferentes. Algumas pessoas em Montreal com quem eu gosto de tocar. Sempre depende de quem está livre.

A **Galen Weston Band** ainda conta com **David Woodhead** no baixo, **Al Cross** na bateria e aparições de **Rick Lazar** na percussão. As formações se alternam em diferentes shows ou turnês. Cada membro é especificamente procurado por **Galen**, para criar, sem dúvida, um grupo que pode ser considerado como o representante do **Jazz** do Canadá.

Eu já escrevi partituras para a maior parte de minhas músicas, por isso não passamos muito tempo ensaiando. Os membros são bons músicos e fazem um ótimo trabalho de interpretar as músicas no palco. Eu acho que isso torna cada apresentação nova.

OHM:

O álbum *Plugged In* me transportou à audições de clássicos álbuns de jazz dos anos 70 e 80! Uma sonoridade analógica aprimorada, perfeitamente harmoniosa. Como foi a organização, a preparação, a escolhas dos músicos, etc., para o lançamento deste álbum?

GALEN:

Plugged In serviu para me educar na arte da gravação. Eu comecei sem ter a menor ideia do que estava fazendo. As músicas eram escritas como meios de aprendizado. Os sons, dos quais eu sou bem orgulhoso, vêm de uma grande quantidade de experimentações.

Eu trabalhei incansavelmente no álbum por dois anos. Algumas das experimentações foram como ondas de sorte, que eu não conseguia reproduzir nem que tentasse. O fim da música *Rock Jam* tem alguns sons malucos que oscilam sozinhos, vindos de um **Flanger Mu-Tron** de 40 anos de idade, logo antes de que o mesmo se queimasse. Eu o mandei para o fabricante e ele o consertou para mim. Agora ele funciona como desejado, mas não oscila mais dessa maneira.

OHM:

De onde veio sua aproximação com música brasileira? Quais são as suas referências sonoras do Brasil?

GALEN:

Enquanto fazia minhas demos e esboços de mixes, eu os postava no Facebook e SoundCloud, em busca de um feedback. Havia uma grande porcentagem de ouvintes que postavam comentários positivos, sendo grande parte desses, usuários brasileiros.

As referências à música brasileira não foram, na verdade, planejadas. Eu acho que eu peguei essas referências naturalmente de outros artistas, como **Pat Metheny**, que já as usavam bem antes de mim. Mas eu fiquei tão surpreso com a reação dos brasileiros que voltei a ouvir as músicas e peguei ainda mais as características da música brasileira. Então convidei alguns percussionistas bem experientes e foram eles que realmente me ensinaram como obter esse som.

OHM:

E planejam fazer algum show ou turnê no Brasil? Sei que vocês tem muitos fãs no Brasil. Gostaria de enviar alguma mensagem a eles?

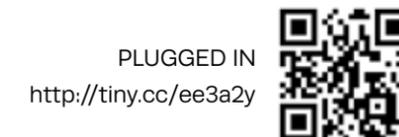
GALEN:

Eu realmente quero fazer uma turnê pelo Brasil o mais rápido possível. Entretanto, eu tive um pouco de dificuldade para encontrar alguém no país que me ajudasse a organizá-la. Pelo que já tinha ouvido falar, é um pouco mais complicado organizar turnês no Brasil do que em outros países. Se alguém que estiver lendo isso tiver alguma experiência com o assunto, por favor entre em contato. Eu já recebi mais de 100 e-mails me pedindo para ir ao Brasil

Eu já estive no Brasil com minha esposa, antes de nos casarmos, e eu adorei o país. Eu espero voltar para o país em breve e tocar para todos vocês ao vivo. Foram os fãs brasileiros que me motivaram a persistir com as gravações desde o início, e eu aprecio muito o suporte que tenho recebido!



PHOTO: GALEN DIVULGATION

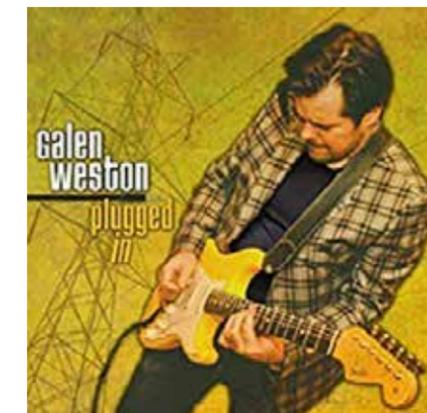


PLUGGED IN
<http://tiny.cc/ee3a2y>

Album: *Plugged In*
Released: 2015
Record Label: Blujazz Productions

Songs:
Funk Opus #2
Song for Daphne
Bensonite
The Yellow Guitar
Rose Garden
Country
Galen's Vice - A Tribute to the 80s
Austin
Tasteless
Like Someone in Love
Late and Never
Rock Jam

Musicians:
Galen Weston: guitar
David Woodhead; bass
Al Cross: drums
Simeon Abbott: keyboards
Matt Horner: piano
Richard Underhill: saxophone
Rick Shadrach Lazar: percussion
Lenka Lichtenberg: vocals



Alexandre da Mata & The Black Dogs

FOTO: CILENE MOTTA



Quando **Alexandre da Mata** se reuniu com o grupo **Black Dogs**, em 2013, a grande maioria dos integrantes era músicos rodados, no cenário mineiro e com certa experiência internacional, mesmo que não fosse tocando o **Blues/Rock** que caracteriza o estilo da banda.

O próprio **Alexandre** navegou em diversos mares começando com covers de **Rock**, passando pela **Música Regional** e com **MPB**. Por três meses acompanhou, como violonista e guitarrista, **Cadu de Andrade** em Portugal. **Cinara Mota**, no início dos anos 2000, antes do tema do empoderamento feminino entrar em moda no discurso acadêmico, montou com sua irmã **Cinthia**, a banda **Maria Pretinha**, que em sua gênese foi composta exclusivamente por mulheres. **Evaldo Milagres**, intercambiou, por 10 anos, com o Japão, ensinando o país do sol nascente a sambar e para finalizar o jovem **Márcio Junio** trouxe para o elenco sua voz embargada ,típica do **Blues** sulista norte-americano.

CANAL OHM YOUTUBE
<http://tiny.cc/ia3a2y>



SITE OFICIAL
<http://tiny.cc/t0qa2y>



INSTAGRAM
<http://tiny.cc/rzqa2y>



Com esta formação, as primeiras apresentações dos **Black Dogs** ocorreram quando o grupo não tinha nem um mês de existência, foram para o **Horizonte Blues Festival** (BH) e o renomado **Ibitipoca Blues** (Lima Duarte), ambos em meados de 2013. O fato de ser composto por músicos tarimbados possibilitou esta aventura de subir no palco com pouquíssimos ensaios.

A partir de então, o grupo passou a fazer apresentações em casas de shows e festivais e tendo excelente receptividade do público. Passou pelo **Festival UFSJDR** – Universidade Federal de São João Del Rey, em seu campus na cidade de Divinópolis. Especificamente, a composição autoral *'Quit Beating Around The Bush'* ficou dignamente registrada em vídeo, onde a apresentação daquela noite foi notada por todos os integrantes de forte energia positiva passada pelo público.

A partir da necessidade de registrar suas ideias, **Alexandre da Mata** gravou, em 2016 o primeiro álbum autoral dos **Black Dogs**, *'All The Reasons'*. O álbum foi lançado com 10 faixas e em especial a primeira, *'Big Love'*, gravado por ninguém menos que **Chris Slade**, baterista do **AC/DC**. Esta história começou quando **Alexandre** dividia o palco com **Chris** e este perguntou:

- *Oh man... o que é isto que está tocando?*
- *Fui eu que compus Chris...*
- *Oh! Cool... nós devíamos gravar isso um dia.*

Além de acompanhá-lo, imediatamente prontificou em gravar a bateria e assim foi feito, made in England. O registro do clipe oficial ficou por conta do competente **Thiago Akira** e nos instrumentais teve a participação de **Flávio** e **Cris Simões**, baixo e teclado respectivamente, no vocal **Márcio Junio** e na guitarra o pai da criatura, **Alexandre da Mata**.



O ano de 2016 contou com a participação do grupo no tradicional **Festival de Jazz e Blues de Tiradentes**, com uma bela estrutura e com o público altamente receptivo.

Mas o ano contou também com reformulações para os **Black Dogs**. **Márcio Junio** deixa os vocais e em seu lugar assume **Mark Greenspon**, americano de Chicago que veio ao Brasil com esposa e filho e por aqui ficou até o visto expirar. Nesta mesma época **Danilo Temponi** assume a baquetas dos **Black Dogs** no lugar de **Evaldo Milagres**. Diferente de **Mark**, **Danilo** já era parceiro antigo de **Alexandre** e **Cinara** desde a época do **Maria Pretinha**.

Com esta formação o **Black Dogs** acrescentou nos teclados **Sandro Veríssimo**, aquele cara que fica de óculos escuro na lateral do palco fazendo batalhas de solo com a guitarra de **Alexandre**. De vez em quando ele alterna os teclados com **Walner Lucas**, mas sempre incluindo o instrumento na formação da banda.

Greenspon deu aos vocais maior movimentação, uma ginga mais dura típica de americano, mas nas apresentações, principalmente em Belo Horizonte e região metropolitana se saiu muito bem com o jeito brasileiro de vivenciar a música.

Entretanto, sua presença no Brasil era por tempo limitado e após sua despedida **Hilmara Fernandes** assumiu temporariamente os vocais dos **Black Dogs**. No **Festival de Jazz e Blues de São Lourenço**, fecharam a noite após a performance de **Arthur Maia**, que interpretou magnificamente *'I'd rather go blind'* de **Etta James**.

No início de 2017, apesar de **Alexandre** ter assumido parcialmente os vocais dos **Black Dogs** o grupo contou com a entrada do irreverente e talentoso **Marcelo Ricardo**, trazendo ao grupo a ginga criola da **Black Soul Music** americana, onde incorporou maravilhosamente bem com o estilo **Blues/Rock** do grupo.

Uma das primeiras apresentações foi na esplanada do Mineirão, o público presente ficou encantado com o desempenho do grupo. **Alexandre da Mata & The Black Dogs** tornou-se mais **Black** com a chegada de **Marcelo**.



FOTO: CILENE MOTTA

O ano transcorreu com festivais em Sabará, Nova Lima, Ouro Preto, eventos gastronômicos que parecem ter incorporado o **Blues** e **Rock** como forma de expressão.

O ano de 2018 foi um marco para os **Black Dogs**. Em junho a banda participou pela segunda vez do **Festival de Jazz e Blues de Tiradentes**, fazendo duas apresentações, uma delas dividindo o palco com icônico cantor americano **J. J. Jackson**.

Em julho de 2018 a banda rompeu fronteiras.

Pela primeira vez em 15 anos o **Festival de Blues de Santa Maria** nos Açores, Portugal, por onde já passaram artistas como **Eric Gales**, **Zac Harmon**, **Ana Popovic** e **Samantha Fish**, recebeu uma banda brasileira.

Alexandre da Mata & The Black Dogs representou o Brasil em alto nível e neste mesmo festival **Alexandre** e **Sandro** foram convidados para integrarem a banda de uma das lendas femininas do blues americano, **Pat Mother Blues Cohen** na noite de encerramento do festival.

Na sequência deste grande ano vieram ainda apresentações no **Festival Dipanas Blues**, Pará de Minas e **Street Blues Festival**, BH, onde também participou o grande gaitista americano **Jason Ricci**.

Nesse tortuoso caminho de fazer **Blues** em terra tupiniquim **Alexandre da Mata & The Black Dogs** passaram por dezenas de cidades mineiras. Recebeu o **Prêmio Mineiro da Música Independente 2018**, representaram o **Blues** mineiro em Florianópolis e Litoral de Comburiu, SC, **Alexandre** recebeu um prêmio por composição em São Paulo e agora integra o seleto grupo **Country Guitar BR** ao lado de grandes nomes da guitarra country brasileira como **Flávio Gutok** e **Matheus Canteri**. Além disso, **Alexandre da Mata & The Black Dogs** dividiram palco com **Jeferson Gonçalves**, **Alexandre Araújo**, **Auder Júnior**, **Afonzinho**, **Pat Cohen**, **J.J.Jackson** e **Chris Slade**. Mas acima de tudo fica a paixão pela música e pela adrenalina do palco e de como os ouvintes receberão suas canções.



FOTOS: LEO OLIVERA



Matheus Sá Motta

Lagoa Santa, Minas Gerais



INSTAGRAM
<http://tiny.cc/51qa2y>



BEHANCE
<http://tiny.cc/g3qa2y>



FACEBOOK
<http://tiny.cc/a4qa2y>



Matheus Sá Motta é fotógrafo, com formação em Artes Visuais pela Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – ED-UEMG. Desde 2012 desenvolve um trabalho a partir do estilo da fotografia de rua no hipercentro de Belo Horizonte. Fortemente influenciado pelos movimentos da arte moderna do início do século XX, como Vorticismo, Dadaísmo e Surrealismo, atribui ao acaso todo o crédito do conteúdo de suas imagens.



*música de rua
dança de rua
fotografia de rua*





"Rua do Soul, rua do Break, rua do Funk, rua do Samba, rua do Techno, rua do Rock, rua da House, rua de todos os sons"





"Se a magia é a ciência das coincidências, a fotografia de rua se torna uma metodologia para capturar a magia das cidades. Assim, suas imagens encaminham pequenas interpretações desta experiência mágica que é ser brasileiro"

OHM::ELECTRONICA

BRUNO BRANDÃO

Tequila Bomb

Um sensacional som alagoano na pegada dub, raggamuffin dancehall!

FOTO: DANIEL GUIMARÃES

CANAL OHM YOUTUBE

<http://tiny.cc/jcra2y>



SITE OFICIAL

<http://tiny.cc/l6qa2y>



SOUNDCLOUD

<http://tiny.cc/vara2y>



SPOTIFY

<http://tiny.cc/9bra2y>



O GRUPO

Tequila Bomb é um trio de música eletrônica com influência em ritmos jamaicanos. O grupo surgiu em meados de 2011, em Maceió, Alagoas, com a parceria de **Bruno Brandão** e **Carlos Peixoto**, que tinham a ideia de experimentação musical com utilização de instrumentos e efeitos sonoros ao vivo. A partir de parcerias e vivências em shows, integrou-se ao grupo o rapper/toaster alagoano **Toninho ZS**, inserindo letras com mensagens politizadas nas composições.

ESTILO

As referências do grupo são embasadas nas vivências dos músicos e nas influências contemporâneas que permeiam nossa sonoridade. Essas influências não necessariamente dialogam

com os ritmos jamaicanos, mas não deixam de exercer efeito nas composições. Não passam despercebidos também o forte comprometimento e o orgulho em demonstrar as características das raízes de nosso povo nordestino. Portanto, são bastante amplas nossas influências musicais: dos ritmos jamaicanos aos do Nordeste brasileiro, do **Afrobeat** a ritmos latinos, do eletrônico à percussão baiana.



Toninho ZS - vocal

Bruno Brandão - sintetizador, contra-baixo, FX

Carlos Peixoto - beatmaker, selecta, FX

A pegada **Dub** e o **Raggamuffin/Dancehall** eletrônico jamaicano dos anos 80 são bem marcantes na proposta do grupo, porém a busca é pela sonoridade original, pelos timbres dos instrumentos, pela forma de cantar e pelas temáticas das letras. As vivências individuais e nossa leitura de mundo contribuem de modo significativo para a construção da identidade da banda. Gostamos de dizer que o grupo, antes de tudo, faz música e definir uma identidade pode estar limitando as possibilidades.

SHOWS

Desde o início, tivemos uma boa aceitação com nossa proposta, porém, em vários momentos, ela causou certo tipo de estranhamento.

O público escutava e observava muito o que fazíamos nos shows, buscando



FOTO: DANIEL GUIMARÃES

entender ou digerir o que estava acontecendo. A questão da logística é algo a ser mencionado, pois equipamento de som de qualidade sempre foi algo que nos preocupava nas apresentações devido à ênfase nas frequências graves e, em muitos casos, os equipamentos não suportavam a proposta e tínhamos que quase sempre levar algum amigo ou profissional para regular os PAs (*power amplifier*).

ENSAIOS

Após a entrada do **Toninho ZS**, pouco tempo depois do início do grupo, conseguimos fechar a formação da banda e nos referimos ao grupo sempre que possível usando a expressão “Família Bomb”, pois sintetiza bem a união que temos.

Como trabalhamos com elementos eletrônicos nas composições, facilita bastante a questão dos ensaios; sempre que podemos, uma vez por semana, nos encontramos tanto para ensaiar como para reuniões, dessa forma, podemos aprimorar o processo de criação e também lapidar as ideias.



FOTO: DANIEL GUIMARÃES

CENA ALAGOANA

Palco de grandes possibilidades, muita gente fazendo muito com pouco para que as coisas aconteçam. Não podemos tirar o mérito dessa galera que vem ajudando a construir a cena literalmente, mas também tem muita coisa a se ajeitar. Ao nosso ver, existem muitas

disputas (não de forma concreta, mas de forma subjetiva) dentro da própria cena, muita especulação acerca das ideias do outro. As vezes, enxerga-se esse outro como concorrência e não como um elo da corrente. Isso é tão forte que, quando você vai elogiar o trabalho de outra pessoa, ela pensa que você já está com malícia, principalmente entre os nossos. Já sofremos muitas especulações das elites, não precisamos que isso exista entre nós, as ideias devem ser transparentes e de fortalecimento. Sem falar que existe uma galera que se acha a dona da cultura em Alagoas e determina os espaços onde as culturas periféricas devem se apresentar. Existe uma hierarquia cultural muito forte aqui em Alagoas. O **Rap**, o **Reggae** e similares são entendidos por essa "elite cultural alagoana" como estilos que não representam a cultura.



FOTO: DANIEL GUIMARÃES

Entre tantos outros nomes de artistas que contribuem significativamente para a música alagoana, podemos citar alguns como **Favela Soul**, **Ariely**, **Jerry Loko**, **Davi 2p**, **Boby CH**, **Vibrações**, **Vitor Pirralho**, **Os Comparsas** e **Invasor**.

APRESENTAÇÕES

Nessa jornada de pouco mais de sete anos, conseguimos com muito esforço ultrapassar as barreiras geográficas do nosso estado. Fomos selecionados para nos apresentar em alguns festivais que acreditamos ser de grande importância e que foram muito significativos para a trajetória do grupo. Foram eles:

Mangunzá Sonoro, 2014 em Triunfo, Pernambuco, **13ª Feira da Música de Fortaleza**, 2014 e 2016, em Fortaleza, Ceará, **Grito Rock João Pessoa**, 2014 em João Pessoa, Paraíba, **2ª Festival Noite Jamaicana**, 2015 em Olinda, Pernambuco, **Festival "Da Rua Pra Rua"**, 2015 e 2017, em São Bernardo do Campo, São Paulo, **26ª Festival de Inverno de Garanhuns**, 2016, em Garanhuns, Pernambuco e **Virada Cultural 2017** em Maceió, Alagoas.

FUTURO

A produção é constante, porém muitas vezes é interrompida e influenciada por questões externas. Acreditamos primeiramente que o fato de ter a capacidade de olhar para trás já é motivo de celebração, porque isso indica que estamos saindo do lugar e buscando evoluir como indivíduos. Lançamos em março de 2018 o nosso segundo álbum, intitulado "Sistema de som, denúncia e elevação espiritual", disponível nas plataformas de streaming. Nosso plano é sempre continuar produzindo, porém conservando a ideia da arte enquanto veículo de informação para que ela não se perca enquanto entretenimento

MÚSICAS

Com ouvidos sempre antenados, passeamos por vários estilos, do antigo ao novo, como **Cassiano**, **Tim Maia**, **FelaKuti**, **Metá Metá**, **Yellowman**, **Congo Natty**, além de rappers como **Doctor Mc's**, **2pac**, **Tyler thecreator**, **ADL** e por aí vai. Mas, escutar o som dos nossos amigos e irmãos de rua é uma das experiências mais prazerosas ultimamente

DOWNLOAD
<http://tiny.cc/97qa2y>



Album: Sistema de Som, Denúncia e Elevação Espiritual
Released: 2018
Record Label: Tequilla Bomb

Capa:
Rodrigo Rodrigues

Songs:
Funk como me gusta
Deus me deu armas
De veias abertas
Manifesto Bomb
Boca rica
É a Sul
A minha jangada
Flecha do Caboclo: Tributo a Pai Ferreira

Musicians:
Toninho ZS - vocal
Bruno Brandão - sintetizador, contra-
baixo, FX
Carlos Peixoto - beatmaker, selecta, FX



NOSTOS

ALEX A. • PEDRO F. • MANFREDO S.

EDIÇÃO DA FOTO: PEDRO H. F. PINTO

OHM::DESIGN

PEDRO HENRIQUE FONSECA PINTO

A Metáfora do Lobo

Banda Nostos - Belo Horizonte

Essa matéria é um recorte de um trabalho de conclusão de curso em Design realizado na Universidade Federal de Minas Geral, sobre a produção e expressão da identidade visual de uma banda do movimento e subcultura musical **Black Metal**. Este subgênero é uma vertente extrema do **Heavy Metal**, originado do **Rock**. Teve seu início na década de 1980 e se consolidou na Noruega na década de 1990. O que caracteriza seu extremismo é sua forma de expressão com sonoridade áspera, agressiva e melancólica, aliada a uma produção musical crua. O conteúdo das letras aborda questões anticristãs, anticapitalistas e as consequências dos sistemas de massa sobre os indivíduos na sociedade. As criações e identidades gráficas desse subgênero são reflexo da estética das composições musicais.

Para entender os motivos pelos quais o **Black Metal** se mostra dessa forma é necessário citar alguns acontecimentos na história da humanidade: a ação da Igreja na Idade Média, os movimentos de contracultura nas décadas de 60 e 70 e o contexto social, geográfico e econômico da Noruega durante as décadas de 80 e 90.

A Metáfora do Lobo está relacionada ao método de caça desses canídeos. Se aplica na ideologia das bandas de **Black Metal** ao apresentar a figura do ser humano associada à sua consciência adoentada, corrompida e submissa aos sistemas de massificação culturais, religiosos e industriais.

Uma percepção desse subgênero através do âmbito do Design se fez necessária para conseguir exprimir todos ideais sombrios aplicados a identidade gráfica com a mesma força do impacto visual desde sua gênese. A pesquisa fomentou uma análise das identidades visuais de muitas das bandas deste subgênero musical.

BANDCAMP
<http://tiny.cc/fdra2y>



INSTAGRAM
<http://tiny.cc/xrra2y>



FACEBOOK
<http://tiny.cc/zwra2y>



A diagramação desta matéria foi feita pelo designer Pedro Henrique Fonseca Pinto

PEDRO HENRIQUE F. PINTO
Formado em Design pela Universidade Federal de Minas Gerais. É entusiasta do Heavy Metal e todos os seus subgêneros, participa da banda Nostos como vocalista e baixista. Foi o criador da identidade visual da banda Nostos e participou da gravação do primeiro álbum, Misfortune.



Uma série de similaridades visuais marcam os logos das bandas de **Black Metal**, tais como as asas de morcego para remeter a escuridão e passar a fantasia de algo assustador. Cruzes invertidas representando o posicionamento anticristão dentro da ideologia de criação das músicas. Formas tortuosas e pontiagudas para evidenciar um efeito de agressividade mesclada a um clima de terror, causando também uma dificuldade de leitura, já que as músicas propositadamente soam de forma inteligível. Também fica evidente a dificuldade proposital na leitura dos caracteres do nome das bandas. Retratam a obscuridade contida na ideologia das bandas e do estilo, corroborando com a sonoridade das músicas. Vale ressaltar o símbolo ilustrado (e muito utilizado) do pentagrama que remete ao anticristianismo, bem como o uso de formas escorridas e orgânicas lembrando geleiras em pontas galhos de árvores, passam ideia de frio extremo e melancolia.

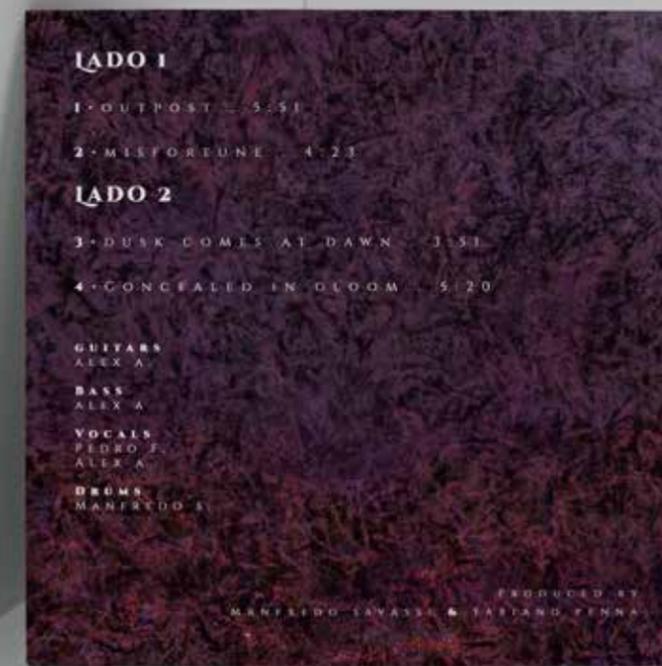
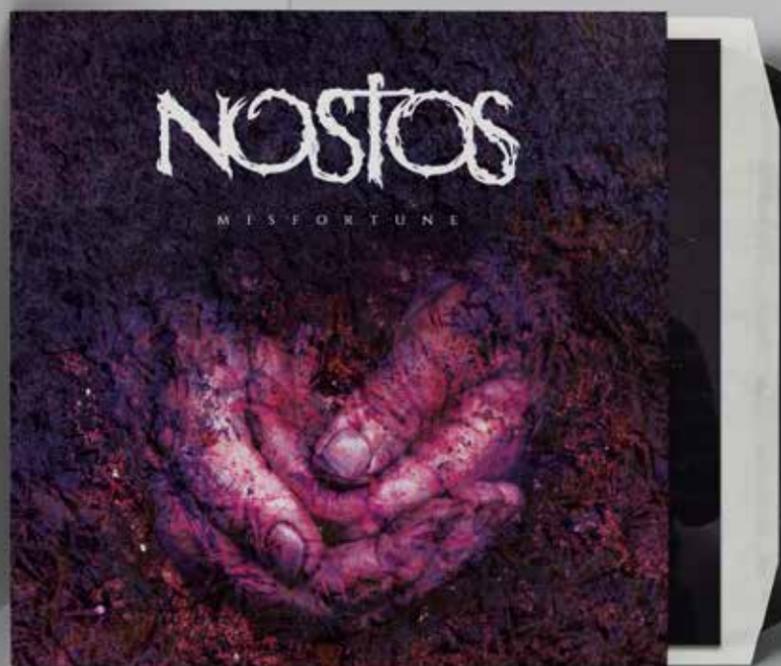


Nostos

É uma banda de Belo Horizonte, fundada em 2016 que carrega a alcunha de **Nostos**, palavra grega que representa a vontade de regressar. A escolha do nome foi inspirada na última passagem do livro Ulisses de James Joyce. Ulisses era decisivo em guerras antigas, um herói épico. Seu poder individual vai sendo anulado pelas armas advindas do avanço tecnológico que o tornam vítima impotente e anônima. Em sua tentativa de obter a glória e o nome registrado na história, ele embarca em uma viagem de volta para casa frustrada por um naufrágio. É uma metáfora para busca eterna do homem por algo além da realização do fato, é a nossa frustração por não obter reconhecimento dentro do contexto onde vivemos.

A temática lírica e musical da banda **Nostos** é expressão artística que retrata os efeitos causados por nossas frustrações pessoais. Nós temos sempre a nostalgia que nos faz querer alcançar uma causa perdida refletida no passado ou nos nossos objetivos futuros. Talvez se possa definir que essas frustrações são causadas por motivos impostos pela nossa organização social, cultural e econômica ou por nossas próprias capacidades intelectuais e manuais.

A **Nostos** encontra na estética do **Black Metal** uma forma de tratar desse assunto de maneira pesada, mesclando produção ríspida, composição musical modernizada e letras metafóricas para criar um ambiente angustiante e assustador. A banda já é reconhecida e tem o respaldo dos fãs no Brasil e na Europa. Vem sendo procurada por selos europeus, além de já fazer parte do selo **Eletric Funeral** do Rio de Janeiro. O título do seu álbum de estreia é **Misfortune**, que significa infortúnio em português e foi lançado em 2018.



OHM::DJs

LUÍS BOZITO

Clubbers

We are Clubbers!



JOHN E L. LOPEZ
FOTO: DIVULGAÇÃO

CANAL OHM YOUTUBE

<http://tiny.cc/mdsa2y>



INSTAGRAM

<http://tiny.cc/rxra2y>



SOUNDCLOUD

<http://tiny.cc/qbsa2y>



SPOTIFY

<http://tiny.cc/5bsa2y>



DUO

(BOZITO)

O **Clubbers** começou em 2014 bem na Copa do Mundo do Brasil. O **John Patrício** e eu (**L. Lopez Bozito**) já estávamos produzindo juntos alguns sons, mas sem compromisso. Decidimos nos juntar para formar o **Clubbers**. Em 2014 o mercado estava mudando, o **EDM** (Electronic Dance Music) já tinha perdido bastante força e o **Alok** e o **Vintage Culture** estavam crescendo cada vez mais. Mas nós nunca seguimos um som da moda, sempre tentamos criar nossa própria identidade ali dentro da **House Music**.

PRODUÇÃO

(BOZITO)

Acho que o primeiro desejo foi produzir mesmo. Foi por que a gente queria versões de algumas músicas para poder tocar e nenhum produtor ainda tinha feito. Depois veio o lance de crescer no mercado e ter reconhecimento. É muito raro hoje em dia algum DJ que não produz consiga um grande destaque no mercado. A gente se entende bem no estúdio e acho que o fato de antes cada um produzir uma linha de som diferente ajuda mais ainda. Mas vamos criando cada vez mais o nosso estilo. Até acho engraçado quando alguém fala "ouvi esse som no set do fulano e já sabia que era de vocês!"

ESTILOS + INFLUÊNCIAS

(JOHN)

O **Bozito** gosta mais de **Tech House** e **Techno** e eu vim do **EDM** e do **Electro House**. Por isso a gente até brinca que o **Clubbers** é uma mistura de influências. A gente escuta de tudo um pouco, temos influências diferentes que se misturam ali na hora da produção. Mas acho que a nossa maior influencia é Zedd.



MAGIC ISLAND – 2018
FOTO: DIEGO JARSHELL



MAGIC ISLAND – 2018
FOTO: DIEGO JARSHELL



GREEN VALLEY – 2018
FOTO: DIEGO JARSHELL



GREEN VALLEY – 2018
FOTO: DIEGO JARSHELL

CENA BRASILEIRA

(BOZITO)

A cena brasileira está ficando cada vez mais forte e reconhecida fora do Brasil. Os DJs já perceberam que para crescer precisam produzir e estão correndo atrás disso cada vez mais. E os artistas maiores já tem um reconhecimento mundial.

SUCESSO + AGÊNCIA + EVENTOS

(BOZITO)

O projeto começou em 2014, começamos a tocar em 2015 mas as coisas começaram a andar mesmo só em 2018, haha!.

A agência ajuda muito, facilita a nossa vida pois não precisamos preocupar em negociar com o contratante, ter preocupação com logística (transporte, hospedagem, equipamentos, etc.). Apenas nos preocupamos em fazer música, cuidar e movimentar o marketing em geral. Os grandes eventos são convite dos produtores e alguns deles a própria agência fecha pra gente.

COLLABS

(BOZITO)

Hoje é algo natural entre os produtores. Às vezes começamos a produzir um som que fica na pegada de outro produtor amigo, então conversamos com ele e fazemos juntos a produção.

Um ponto alto da nossa carreira veio de nossa collab com o **Vintage Culture**. Foi lançada pela **Spinnin Records**. Estamos até um pouco assustados com a repercussão que a track teve.

CLUBBERS HOJE + FUTURO

(BOZITO)

Hahaha! É igual no começo, só que com muito mais responsabilidade e foco.

Temos planos para o futuro, claro! Mas não podemos contar ainda, hahaha!

Melhor deixar as coisas acontecerem bem devagarzinho. O que vocês podem esperar é muita música nova e muita zoação no Instagram, hahahaha!.

INFLUÊNCIAS

(BOZITO)

O **John** sempre gosta mais das melodias e vocais, eu já gosto mais do groove do som, pensando em como a pista vai dançar aquela música.



DJ Rodrigo Barata Coletivo Criolina

DJs brasileiros no exterior: novas formas de difusão da música brasileira

Pesquisando sobre os novos mercados para a música brasileira na Europa a partir de 2010 – período de reconfiguração do mercado fonográfico e de transformação das relações dentro do negócio de música gravada – encontramos nas pistas a figura incontestável do DJ como “catalisador” principal da cultura da música eletrônica e quem sabe o maior propagador da música brasileira no exterior. **Claudio Manoel Duarte**, profundo conhecedor do assunto afirma que “o motivo é que esse artista faz a conexão entre a produção e o consumo, entre os geradores da cultura e da música binária e o público – ele é um instrumento de circulação, de difusão da produção musical, um canalizador, enfim um mediador.”

Essa história começou a ser desenhada a partir de 2004 com o **DJ Malboro**, principal porta-voz do **Funk Carioca** na Europa. Em sua primeira turnê, o músico passou por Barcelona, Paris, Londres e países como Eslovênia e Croácia, abrindo caminhos para outros profissionais como **Micky**, **Patife**, **Sanny Pitbull**, **Mc Junior** e **Leonardo**, Marcinho dentre outros MCs. Outro reforço na tomada das pistas pelo Funk foi o lançamento em Berlin do CD coletânea “**Rio Baile Funk – Favela Booty Beats**”, produzido pelo pesquisador, produtor musical e DJ alemão **Daniel Haaksman**, criador do selo **Man Recording**



CRIOLINA NO CONIC,
BSB 2016
FOTO: GUILHERME TAVARES
ACERVO DJ BARATA

CANAL OHM YOUTUBE

<http://tiny.cc/q52a2y>

FACEBOOK

<http://tiny.cc/j72a2y>

INSTAGRAM

<http://tiny.cc/b82a2y>

Hoje, as pistas são marcadas por novas ondas musicais para além da **Bossa Nova**, do **Samba** ou do **Funk**. Entra em cena a diversidade musical brasileira, que gente como o **DJ Rodrigo Barata** do **Coletivo Criolina**, **Marcelinho da Lua** e o **DJ Tudo** veem espalhando mundo à fora. Esses artistas trazem em suas cases uma variedade de ritmos e estilos musicais do Norte/Nordeste brasileiro como o **Maracatu**, as diversas variantes do **Forró**, o **Coco-de-Roda**, o **Carimbó**, o **Tambor-de-Crioula** e outras variações de estilos como o **Sambalço**, o **Samba-Rock**, o **Tecnobrega**, o **Samba-Funk** e misturando a tudo isso os beats eletrônicos do **Dub**, do **Jungle**, do **Techno** e do **Drum'n'Bass**.



ACERVO DJ BARATA

PAPO COM DJ BARATA (COLETIVO CRIOLINA)

A **Festa Criolina** surgiu em 2005 em Brasília, DF. Nas festas, as ruas se tornam espaços para projeções gigantes, performances artísticas, flash mobs e muito som. O **Criolina** resolveu levar a festa para a Europa e já tomou a cena das festas de rua por lá!

Rodrigo Barata, o **DJ Barata** que comanda a festa **Criolina** na Europa, comenta que tem sempre uma grande expectativa quando a festa é comandada por DJs brasileiros – talvez pela força e influência da **Bossa Nova**, do **Samba** e agora do **Funk Carioca**. Quando os **Criolinas** misturam beats do **Drum&Bass**, **Jazz**, **Afrobeat**, **Reggae** e **Ska**, com ritmos nossos como o **Coco**, o **Maracatu** e o **Carimbó**, os gringos reagem sempre de forma muito positiva. Barata diz que o sucesso das **Criolinas** na Europa (em 2009 e 2010 participaram da Womex The World Music Expo em Copenhagen) deve-se a essa mistura dos ritmos regionais brasileiros. O Brasil roots sendo revisitado e misturado aos beats eletrônicos. Outro ponto alto das festas é a mistura de músicas em suas versões originais, sem remix.



Barata conta que nessas festas no exterior, eles também tocam instrumentos nossos como pandeiro e triângulo e quando entra um beat eletrônico que as pessoas conhecem elas deliram. E isso dá um sabor especial. Ele afirma que o DJ se torna um grande divulgador de sua cultura e de bandas locais. Ele tem hoje um papel importantíssimo na difusão da diversidade musical brasileira com algumas vantagens: 1) Ele carrega muitos ritmos e várias bandas em um case só. 2) Hoje em dia, entre contratar um DJ para um evento ou uma banda com cinco pessoas, por exemplo, tem uma diferença enorme de custos para a produção do evento (passagens, hospedagem etc.).

“Assim, o DJ se tornou o primeiro grande divulgador. Ele traz as novidades, apresenta as novas bandas, novos ritmos, ele leva a informação pra frente de forma mais rápida e viável. Mas isso não quer dizer que um é melhor que o outro, quer dizer que existe espaço para todos.”

Muito já se fala sobre a presença do **Funk** no exterior. Atualmente também podemos pensar sobre a experiência do **Tecnobrega** nas pistas internacionais. Esse novo estilo de música criou na região norte do Brasil um modelo de mercado com estratégias próprias de produção, distribuição e venda. A produção é feita em estudos caseiros, nas periferias e incorporada ao um comércio informal, nos camelôs, nas ruas, nas festas.

Sobre essa experiência, **Barata** conta que a estética musical do **Tecnobrega** é a incorporação de batidas eletrônicas à música romântica, além de elementos regionais locais como o **Carimbó** e o **Merengue**. “Quando a gente lança o **Tecnobrega** nas pistas, percebe-se logo que as pessoas não sabem como dançar aquilo que estão ouvindo, mas aos poucos vão entrando na onda, primeiramente, pelo exotismo, pelo estranhamento e logo estão familiarizadas. Levar o **Tecnobrega** para as pistas européias representa uma

forte valorização da cultura regional brasileira.

Os DJs veem criando lá fora um espaço no qual aponta o que está acontecendo de novidade no mercado local. Eles são pesquisadores, músicos, pessoas antenadas com a novidade. Enquanto os festivais e os grandes produtores que regem a indústria do espetáculo só trabalham com a música midiaticizada (que já vendeu X milhões cópias), o DJ caminha por fora, criando um espaço paralelo de exposição de novos trabalhos e novos artistas. Outro ponto a assinalar nessa trajetória dos DJs é que eles têm uma facilidade enorme de circulação e de serem incorporados a um evento. Eles criam boas redes de relacionamento, parcerias afetivas criadas nesse circuito. Essas redes acontecem a partir de um DJ com seu instrumento de trabalho (uma case) de onde retira mil ritmos e mil bandas. Isso viabiliza a inserção desse profissional em qualquer cidade onde ele esteja, o que não acontece com facilidade para uma banda.

Mas é importante frisar que não há aqui a defesa de que o DJ está substituindo as bandas. A questão é mostrar que um se beneficia do trabalho do outro, eles se complementam. O DJ apresenta as novidades e depois quando a banda chega para fazer um show, as pessoas se ligam que aquele DJ já tocou a música daquela banda. Um reforça e dá credibilidade ao trabalho do outro. O DJ faz algo

como um cartão de visita. Fato é, os DJs estão trazendo para o mercado internacional, o trabalho de músicos e bandas não midiaticizados no Brasil, garantindo-lhes visibilidade e possibilidades de permanência no mercado internacional. Eles estão abrindo portas.”

Mais que a afirmação de uma recriação cultural e artística, de um posicionamento estético, a questão aqui é sobre novas formas de difusão da música brasileira, a possibilidade de novos mercados, novas formas de negociação pós crise da indústria da música e a necessidade de reformulação nas formas de negociação.

CLAUDIA GÓES
Etnomusicóloga
pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal, e Mestre em Comunicação e Cultura (PPGCOM/UFRJ).
É consultora musical do Museu dos Descobrimientos em Belmonte, Portugal.
Graduada em Jornalismo é também radialista tendo atuado como locutora/apresentadora de programas de TV e Rádio no Rio de Janeiro e em Alagoas.
Atua como cantora e percussionista em rodas de samba e choro no Rio de Janeiro.



Club In

Belo Horizonte

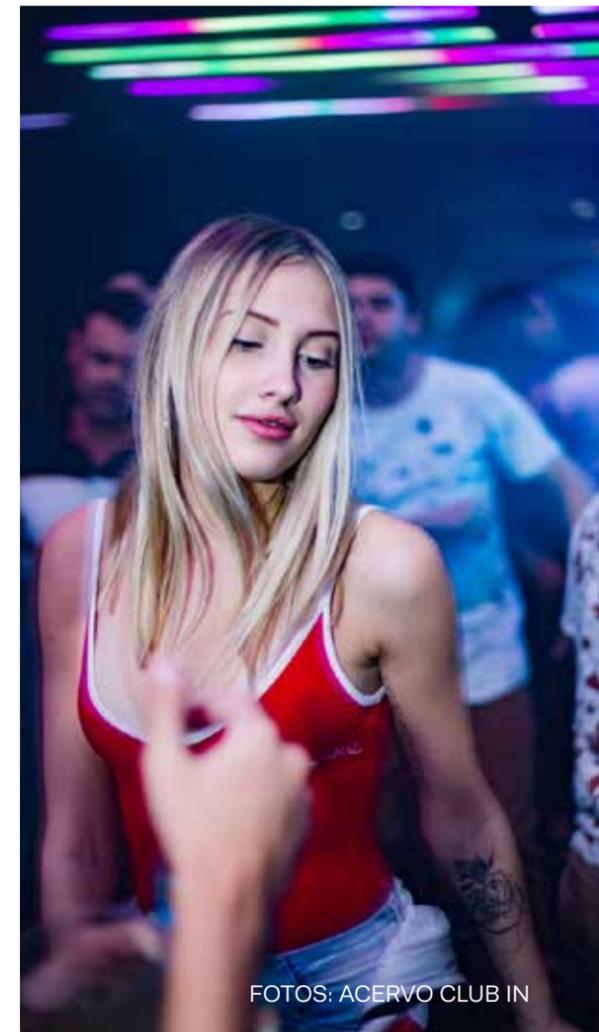


FOTO: ACERVO CLUB IN

Com a proposta de possuir características únicas, nasceu em 2017, a **Club in**, uma casa que atende a um público diferenciado quando pensamos em música eletrônica de qualidade. Fruto da ideia de jovens empreendedores inquietos com a cena underground existente em Belo Horizonte, em pouco tempo alcançou destaque.

Desde a sua misteriosa localização, só revelada aos seletos frequentadores, passando pelo layout que remete a Clubs famosos, sempre se mostrou única. Com espaço físico intimista e agenda "não fixa" nos sentimos em uma balada privada e ao mesmo tempo instigante pelas atrações com um som inigualável, atendendo aos mais exigentes frequentadores da cena musical que almejam colecionar diferentes experiências.

Os line ups que trazem nomes como **Gabe, Boghosian, Flowzeo, Leo Janeiro, Fran Bortolossi**, surpreendem seu público a cada noite.



FOTOS: ACERVO CLUB IN

Não perdendo o compromisso de revelar o que temos de melhor, há noites dedicadas a DJs e produtores locais de destaque, mostrando que Belo Horizonte não deixa a desejar no quesito qualidade. O modo de divulgação das datas não é o tradicional, o que reforça a nova proposta da casa, tendo acesso apenas pessoas com nome na lista e que apreciam boa música.

Mesmo com todas as peculiaridades, desde sua abertura a casa vem crescendo e despertando curiosidade em quem ainda não marcou presença. A sintonia mostrada em cada data de funcionamento nos faz querer não perder nenhuma noite, gerando ansiedade para as próximas atrações. Sem dúvida um local que justifica a presença!

Lançamento Edital Ensaio Aberto MM Gerdau



BANDA DOLORES 602
FOTO: LEONARDO MIRANDA

EDITAL PROJETO ENSAIO ABERTO

O **MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal**, localizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, lança este ano mais uma seleção de músicos e bandas para se apresentarem no **Ensaio Aberto**, projeto de parcerias com músicos de Minas Gerais para ocupação artística e musical do Museu.

As inscrições para o edital 2019 estão abertas de 07 de janeiro até as 18:00 horas do dia 04 de fevereiro de 2019, podendo ser acessado pelo site www.prosas.com.br (links disponíveis nos QR Code/Short URL na página ao lado).

As apresentações acontecerão no Museu das Minas de abril a dezembro de 2019, sempre na última quinta-feira do mês, exceto em dezembro, devido às festas de fim de ano.

As datas são: 25 de abril, 30 de maio, 27 de junho, 25 de julho, 29 de agosto, 26 de setembro, 31 de outubro, 28 de novembro e 12 de dezembro, das 19:30 às 21:30 horas. Será uma apresentação para o artista se selecionado do mês.

Após o período de inscrição, uma pré-seleção será feita por uma comissão, que selecionará 20 inscritos. Com o objetivo de democratizar a escolha dos artistas. Haverá uma votação popular pela página do MM Gerdau no Facebook, onde os 12 artistas mais bem votados se apresentarão no **Ensaio Aberto 2019**.

Informações completas do edital podem ser conferidas no site do Museu.

O **Ensaio Aberto**, que acontece desde fevereiro de 2015, nasceu despretensiosamente com o intuito de levar música (apresentações ou ensaios) ao ambiente descontraído da Praça de Convivência, onde o Museu oferece os serviços de loja e café.

Com o sucesso do projeto, em 2016, o MM Gerdau conseguiu lançar seu primeiro edital e, desde então, seleciona músicos amadores ou profissionais, solistas ou grupos para apresentações no **Ensaio Aberto!** Ao todo, já foram mais de 35 apresentações gratuitas para o público, dentre elas nomes como **Dolores 602**, **Grupo Ofó**, **Banda Desvio**, **Maíra Manga**, dentre outros.

Projeto Nujazz no Parque Temporada 2019

Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado
R. Ministro Hermenegildo de Barros, 904 - Bairro Itapoã



As manifestações contemporâneas do Jazz todo terceiro domingo do mês, no Parque da Lagoa do Nado

Djs residentes Anthony, Leo Mille, Leo Olivera e Rafael Roots + Djs, instrumentistas, artistas e bandas convidados

NUJAZZ NO PARQUE

Lei Municipal de Incentivo à Cultura 2017-2018

apoio cultural:  **GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA**

realização **OHM** music magazine
PROGRAMA **3.0**
Rádio UFMG Educativa 104.5 FM

DESIGN: LEO OLIVERA

Na primeira edição da OHM apresentamos o Projeto Nujazz no Parque, do qual tivemos a honra de participar. Afinal era uma iniciativa sensacional: reunir DJs, instrumentistas e artistas para tocar Jazz num parque.

O Jazz é uma das maiores, senão a maior, manifestação da herança cultural negra mundial e se mantém vivo ao longo dos tempos, enriquecendo a música universal de forma sutil, às vezes indireta, mas sempre incisiva. E não foi, nem é diferente para esses nossos tempos de tecnologias disruptivas. A evolução do Jazz como manifestação contemporânea também é sutil. Algumas vezes precisamos de um pouco mais de pesquisa para identificar seu DNA presente na música atual.

Mas ele está lá. E é um pouco disso que tem como proposta o projeto: mostrar o que o Jazz tem feito, como tem evoluído! Por isso tentamos provocar a audição e o conhecimento das mais contemporâneas manifestações do estilo, mostrando como se mantém vivo.

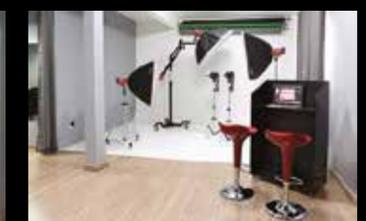
A boa notícia é que conseguimos trazer mais uma temporada dessa experiência de Jazz tocando num Parque, em dia de sol, ou não, cercado de natureza e de culturas. Para 2019, o Projeto Nujazz no Parque foi aprovado pela LMIC - Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Serão mais dez edições, acontecendo todos os meses, a partir de março. Somos agora quatro DJs residentes e outros DJs, instrumentistas, bandas e artistas convidadas.

Então prepare-se e venha curtir Jazz no Parque.

PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA E AUDIOVISUAL



ESTÚDIO COMPLETO | CONFORTÁVEL | CLIMATIZADO | CAMARIM | FÁCIL ACESSO



tradição 
planalto
PRODUÇÕES VISUAIS E EDITORIAIS

 ricardinho.sg
Belo Horizonte - MG - WhatsApp: (31) 99104-7417

 ricardosgfoto


Ricardo S.G.
FOTOGRAFIA

